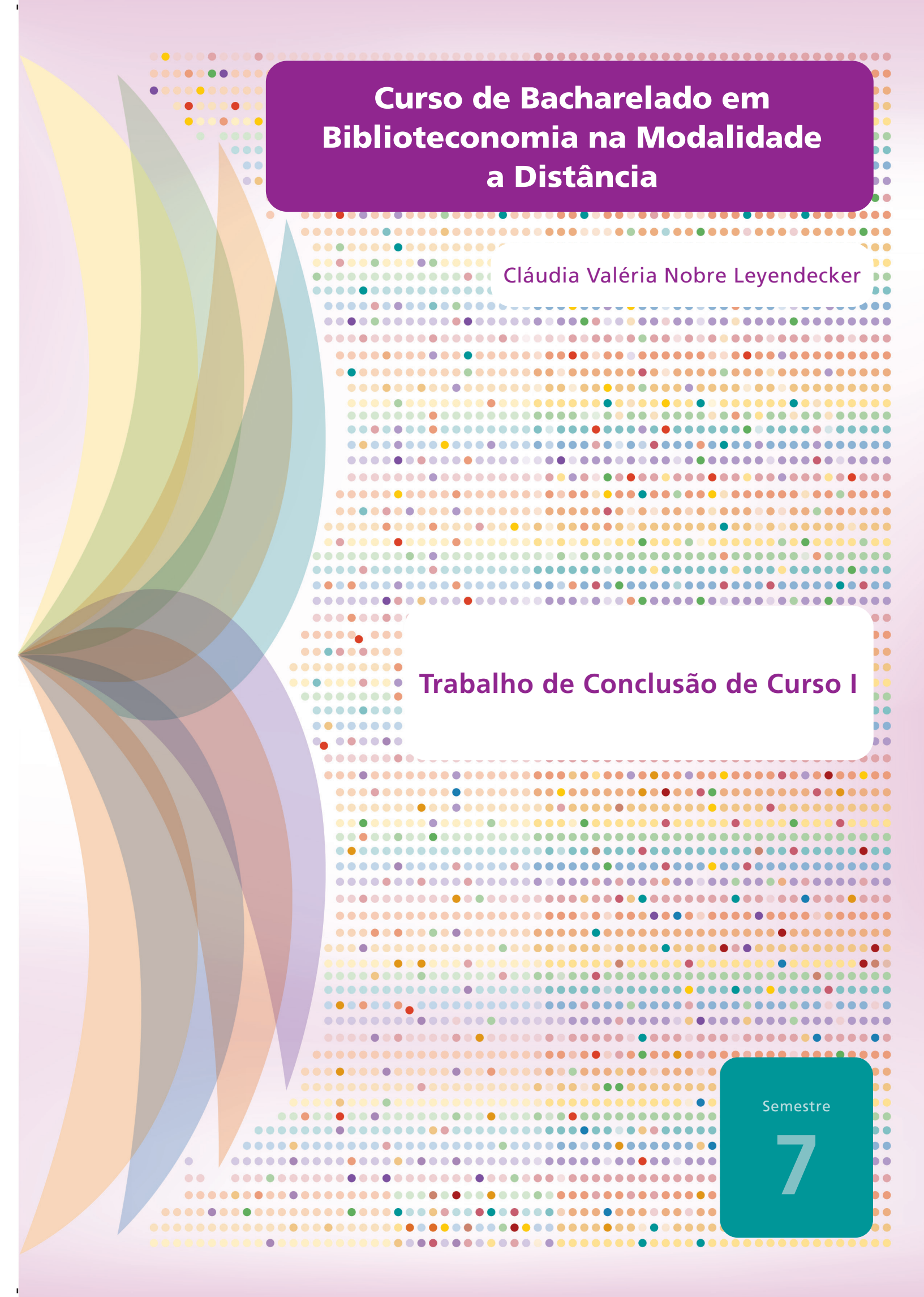




Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Cláudia Valéria Nobre Leyendecker

Trabalho de Conclusão de Curso I

Semestre

7

Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Cláudia Valéria Nobre Leyendecker

Trabalho de Conclusão de Curso I

Semestre

7

Brasília, DF



Rio de Janeiro

Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



Permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito ao autor e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Presidência da República

Ministério da Educação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Diretoria de Educação a Distância (DED)

Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Núcleo de Educação a Distância (NEAD)

Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)

Departamento de Biblioteconomia

Leitor

Ângelo Brigato Ésther

Comissão Técnica

Célia Regina Simonetti Barbalho

Helen Beatriz Frota Rozados

Henriette Ferreira Gomes

Marta Lúcia Pomim Valentim

Comissão de Gerenciamento

Mariza Russo (in memoriam)

Ana Maria Ferreira de Carvalho

Maria José Veloso da Costa Santos

Nadir Ferreira Alves

Nysia Oliveira de Sá

Equipe de apoio

Eliana Taborda Garcia Santos

José Antonio Gameiro Salles

Maria Cristina Paiva

Miriam Ferreira Freire Dias

Rômulo Magnus de Melo

Solange de Souza Alves da Silva

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Cristine Costa Barreto

Desenvolvimento instrucional

Kathleen da Silva Gonçalves

Diagramação

Patrícia Seabra

Revisão de língua portuguesa

Lícia Matos

Projeto gráfico e capa

André Guimarães de Souza

Patrícia Seabra

Normalização

Dox Gestão da Informação

L681t Leyendecker, Cláudia Valéria Nobre.

Trabalho de conclusão de curso I / Cláudia Valéria Nobre Leyendecker; [leitor] Angelo Brigato Ésther. — Brasília, DF : CAPES : UAB ; Rio de Janeiro, RJ : Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.

112p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-85229-75-7 (brochura)

ISBN 978-85-85229-67-2 (e-book)

1. Comunicação científica. 2. Trabalho de conclusão de curso. I. Ésther, Angelo Brigato. II. Título.

CDD 020.72

CDU 378.2

Caro leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desses materiais para fins não comerciais, desde que lhes atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõem o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, a fim de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Nesse sentido, asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destes pelos usuários do material ora apresentado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Trabalho de conclusão de curso (TCC)	15
Figura 2 –	A curiosidade é um fator preponderante para que se desenvolva a problematização na investigação científica, mas é importante, por exemplo, que o problema a ser estudado tenha relevância	18
Figura 3 –	Questões	19
Figura 4 –	Etapas do projeto de pesquisa	21
Figura 5 –	Desenvolver um TCC não é uma tarefa trivial, já que se propõe a ser um registro de uma ampla pesquisa realizada sobre o tema escolhido. Um passo fundamental para o sucesso envolve uma boa organização do trabalho	31
Figura 6 –	Com tantas informações disponíveis, como saber quais utilizar e quando o que já temos é suficiente?	43
Figura 7 –	Para identificar as fontes que serão utilizadas, é preciso identificar os estudos que serão considerados para o desenvolvimento do tema.....	47
Figura 8 –	Um empreendimento tão importante como escrever um TCC precisa de um bom planejamento. Organizar as fontes de consulta é um dos passos iniciais mais fundamentais	51
Figura 9 –	Escrita do texto.....	56
Figura 10 –	A coleta e a análise dos dados devem ser tratadas com rigor científico, pois serão elas que alimentarão a pesquisa sobre o tema escolhido	63
Figura 11 –	Entrevista, levantamento bibliográfico, questionário e observação são algumas das ferramentas utilizadas para a coleta de dados em uma pesquisa para um TCC	65
Figura 12 –	Tipos de entrevistas que oferecem maior objetividade na elaboração e no planejamento de entrevistas para a coleta de dados em uma pesquisa.....	69
Figura 13 –	Questões abertas: exemplo 1	73
Figura 14 –	Questões fechadas: exemplo 2	74
Figura 15 –	Questões fechadas: exemplo 3	74
Figura 16 –	Questões 2	81
Figura 17 –	Uma análise de dados bem-feita requer um planejamento que contemple não apenas a metodologia adequada, mas, também, um referencial teórico que dê suporte à lógica aplicada	82
Figura 18 –	Espiral da análise de dados. Ao invés de uma abordagem dos dados de forma linear, <i>Creswell</i> sugere que o processo de análise seja realizado em círculos, com constantes idas e vindas	89
Figura 19 –	<i>John W. Creswell</i>	90

Figura 20 – Esquema de comunicação. É necessário avaliar o contexto para decodificar as informações que podem estar ocultas na mensagem.....	93
Figura 21 – Se você chegou até aqui, é porque já analisou seus dados. E agora, o que fazer? Você precisa discuti-los. Precisa usar o referencial teórico selecionado para embasá-los, ou mesmo contestá-los.....	99
Figura 22 – Categorização dos verbos. Mostra a relação entre os verbos e sua função em um texto científico	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Eixos temáticos.....	16
Quadro 2 – Metodologia.....	22
Quadro 3 – Cronograma.....	24
Quadro 4 – Elementos do TCC.....	32
Quadro 5 – Tipos de revisão da literatura	45
Quadro 6 – Fases da leitura.....	49
Quadro 7 – Levantamento bibliográfico	66
Quadro 8 – Coleta de dados: entrevista	68
Quadro 9 – Coleta de dados: questionário	72
Quadro 10 – Tipos de variáveis quantitativas.....	84
Quadro 11 – Distribuição de frequência	85
Quadro 12 – Pressupostos filosóficos com implicações para a prática	91
Quadro 13 – Elementos textuais.....	103

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA.....	11
1	UNIDADE 1: ORGANIZANDO A PESQUISA	13
1.1	OBJETIVO GERAL	13
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
1.3	CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA ESCOLHIDA	15
1.3.1	Atividade.....	17
1.4	PROBLEMATIZANDO	17
1.4.1	Atividade.....	20
1.5	REVISITANDO A METODOLOGIA DO PROJETO DE PESQUISA.....	21
1.5.1	Atividade.....	23
1.6	CONSTRUINDO UM PLANO DE AÇÃO	24
1.6.1	Atividade.....	25
1.6.2	O plano de ação.....	25
1.6.3	Atividade.....	26
1.7	CONCLUSÃO	27
	RESUMO	27
2	UNIDADE 2: REVENDO AS NORMAS TÉCNICAS	29
2.1	OBJETIVO GERAL	29
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
2.3	ENTENDENDO A ESTRUTURA GERAL DO TCC.....	31
2.4	ORGANIZANDO CITAÇÕES	33
2.5	ORGANIZANDO REFERÊNCIAS	34
2.5.1	Atividade.....	36
2.5.2	Atividade.....	37
2.5.3	Atividade.....	39
2.6	CONCLUSÃO	40
	RESUMO	40
3	UNIDADE 3: AMPLIANDO A REVISÃO DE LITERATURA.....	41
3.1	OBJETIVO GERAL	41
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	41
3.3	REVISITANDO A SELEÇÃO DA LITERATURA.....	43
3.3.1	Tipos de revisão da literatura.....	43
3.3.2	Atividade.....	46
3.4	ESCOLHENDO OS AUTORES E OBRAS	46
3.4.1	Identificar fontes	47
3.4.2	Localizar fontes.....	48
3.4.3	Leitura do material	49
3.4.4	Atividade.....	50
3.4.5	Atividade.....	51

3.5	REGISTRANDO AS LEITURAS: NORMAS DE FICHAMENTO.....	51
3.5.1	Elementos indispensáveis em um fichamento	52
3.6	ESCREVENDO O TEXTO DO TCC: CLAREZA E PRECISÃO	55
3.6.1	Atividade.....	57
3.6.2	Atividade.....	58
3.7	CONCLUSÃO.....	59
	RESUMO	59
4	UNIDADE 4: TRATAMENTO DOS DADOS	61
4.1	OBJETIVO GERAL	61
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	61
4.3	HORA DE DEFINIR O PERCURSO.....	63
4.4	PROCEDENDO À COLETA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	64
4.4.1	Levantamento bibliográfico	65
4.4.2	Observação	66
4.4.3	Entrevista	68
4.4.4	Questionário	71
4.4.5	Atividade.....	75
4.5	CONCLUSÃO.....	76
	RESUMO	76
5	UNIDADE 5: ANÁLISE DOS RESULTADOS	79
5.1	OBJETIVO GERAL	79
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	79
5.3	O QUE DÁ SENTIDO AOS DADOS?.....	81
5.4	DEFININDO ESTRUTURAS DE ANÁLISE	82
5.5	ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS.....	83
5.6	ANÁLISE MULTIVARIADA DOS DADOS.....	85
5.7	ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS	87
5.7.1	Análise qualitativa de dados: duas proposições	89
5.7.1.1	Análise por abordagens	90
5.7.1.2	Análise de conteúdo.....	92
5.7.2	Uso do computador na análise de dados qualitativos.....	94
5.7.3	Atividade.....	94
5.8	CONCLUSÃO.....	95
	RESUMO	95
6	UNIDADE 6: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	97
6.1	OBJETIVO GERAL	97
6.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	97
6.3	AS PEÇAS QUE FALTAM	99
6.4	LISTANDO PONTOS DE APOIO PARA A DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	99
6.5	CONCLUINDO?	102
6.6	ORGANIZANDO O TCC.....	102
6.6.1	Partes do TCC	103

6.7	FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO TEXTO CIENTÍFICO	104
6.7.1	Atividade.....	106
6.7.2	Atividade.....	106
6.8	CONCLUSÃO	107
	RESUMO	107
	REFERÊNCIAS	108
	SUGESTÃO DE LEITURA	110

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

Aqui começamos a disciplina TCC I, que tem como objetivo dar continuidade ao trabalho já iniciado nas disciplinas *Metodologia de Pesquisa Científica I*, *Métodos Quantitativos, Qualitativos e Mistos de Pesquisa*, *Normalização Documental* e *Metodologia de Pesquisa II*, em que você deve ter conhecido os tipos, métodos e técnicas de pesquisa, os estudos qualitativos e quantitativos e as etapas para a elaboração do projeto de pesquisa.

A disciplina *TCC I* irá buscar um aprofundamento teórico relacionado ao desenvolvimento e estruturação de sua pesquisa, centrado, em especial, na ampliação da revisão da literatura e no tratamento, análise e discussão dos resultados.

Para começar, retomaremos o projeto de pesquisa, com a finalidade de possibilitar as escolhas e ajustes necessários à temática e à metodologia. Nesse sentido, trabalharemos com a leitura deste material didático e com atividades aqui incluídas que facilitarão a construção de cada parte de seu TCC.

No decorrer dos estudos, é importante que você constitua um arquivo em separado para incluir os resultados de suas pesquisas, faça as anotações de todas as fontes consultadas e organize seu tempo.

Então, estamos prontos para esta jornada?

UNIDADE 1

ORGANIZANDO A PESQUISA

1.1 OBJETIVO GERAL

Retomar o projeto de pesquisa e possibilitar as escolhas e ajustes necessários à temática, aos objetivos e à metodologia.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) identificar e esclarecer o tema selecionado para a realização do trabalho de conclusão de curso (TCC);
 - b) desenvolver os questionamentos que vão nortear o atendimento aos objetivos da pesquisa;
 - c) definir o objeto de estudo, selecionando os procedimentos metodológicos e as categorias de análise da pesquisa;
 - d) organizar um plano de ação para a construção do TCC.
-

1.3 CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA ESCOLHIDA

O TCC é constituído por um conjunto de partes específicas que se interconectam. Essa especificidade é definida pelo tratamento estruturado dado ao texto, produzido a partir de um criterioso processo de pesquisa.

Nessa perspectiva, esta primeira Unidade deste material de estudo procura resgatar o projeto de pesquisa já construído em disciplinas anteriores e transformá-lo em ações concretas em sua realização, ampliando ou renovando as bases para os passos da pesquisa.

Figura 1 – Trabalho de conclusão de curso (TCC)



Fonte: produção do próprio autor.

O primeiro passo para a realização de um TCC é a escolha do tema.

Mas o que é o tema, afinal?

Segundo *Minayo* (2013, p. 39), “o tema de uma pesquisa indica a área de interesse ou assunto a ser investigado. Trata-se de uma delimitação ainda bastante ampla”. Observe, por exemplo, quando falamos que queremos pesquisar sobre organização e representação da informação. Isso parece-nos demasiado extenso para nossa pesquisa, posto que nessa área poderão estar incluídas inúmeras alternativas, considerando os assuntos correlatos – como elementos lógicos ou linguísticos, por exemplo –, que demandarão ainda uma infinidade de possibilidades.

Como podemos verificar, estamos partindo de um assunto geral para encontrar a questão específica de nosso estudo.

Um caminho que você, estudante deste curso, deverá necessariamente fazer é consultar o projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia na modalidade a distância, que dispõe suas disciplinas nos eixos temáticos que detalhamos no quadro a seguir.

Quadro 1 – Eixos temáticos

Eixo 0: Módulo Básico
Eixo 1: Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação
Eixo 2: Organização e Representação da Informação
Eixo 3: Recursos e Serviços de Informação
Eixo 4: Políticas e Gestão de Ambientes de Informação
Eixo 5: Tecnologias de Informação e Comunicação
Eixo 6: Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação
Eixo 7: Estágios e Atividades Complementares

Fonte: Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia na modalidade à distância.

Sua pesquisa deverá ocupar-se de assuntos correlatos aos eixos 1, 2, 3, 4, 5 ou 6.

A delimitação de um assunto já nos parece bem mais simples agora, não é mesmo?

Se você observar mais atentamente o projeto pedagógico de seu curso, verificará que a matriz curricular descreve as ementas das disciplinas. Assim, elas podem apontar ou sugerir, com mais clareza, assuntos que serão de seu interesse e que direcionarão para a especificidade de que poderá tratar seu estudo.

Santos (2006, p. 64-65) sugere que a escolha do tema deve seguir, em especial, três critérios básicos:

- a) gosto pessoal, preparo técnico e tempo disponível;
- b) importância ou utilidade do tema;
- c) existência de fontes.

Sendo assim, como a caminhada é longa, o autor citado nos adverte de que ter entusiasmo é importante para a perseverança na continuidade da pesquisa, assim como estar ambientado com o assunto em suas próprias experiências e prever o tempo necessário e disponível para o feito. Verifique, ainda, se o tema é relevante para a sociedade e para a ciência, observando as contribuições possíveis e, enfim, se há fontes suficientes para a obtenção dos dados que o ajudarão a concluir sua pesquisa.

Nosso trabalho na definição do tema não se encerra aqui. É preciso apontar mais especificamente o que se vai pesquisar. Para estabelecimento do tema, ainda que provisório, delimite o *locus* da observação, o período do fenômeno e a circunstância. Trata-se de situar-se no tempo e no espaço, definindo quem ou o que será objeto da pesquisa.

Revisite seu projeto de pesquisa, observe se o tema escolhido de fato atende a esses critérios e sigamos em frente.



1.3.1 Atividade

Registre aqui os primeiros passos de sua pesquisa:

ÁREA DE INTERESSE:

ASSUNTO:

TEMA:

Resposta comentada

ÁREA DE INTERESSE: Escolha sua opção entre os eixos da matriz curricular.

ASSUNTO: Registre que assunto da área de interesse deseja pesquisar.

TEMA: Formule seu tema, atendendo aos critérios estudados.

1.4 PROBLEMATIZANDO

Definido nosso tema, precisamos apontar o percurso da pesquisa. Ela se moverá com base naquilo que pretendemos investigar, identificando quais são os questionamentos que surgem dentro de um tema específico.

A problematização, no contexto da pesquisa, nos servirá como delimitadora de nossos objetivos. Para distinguir esses questionamentos, é indispensável que o pesquisador já tenha se apropriado do tema. Isso requer que um número considerável de leituras já tenha sido realizado.

O tema, representativo de uma necessidade humana ou social, se desdobrará em quantos questionamentos o pesquisador sugerir. Entretanto, esse exercício de **curiosidade** exigirá um tratamento teórico, científico e racional. Formulações lógicas podem e devem orientar uma problematização, dependendo, é claro, do objetivo do pesquisador.

Obviamente, o pesquisador não está imune às influências de seu meio cultural, social e econômico. Nesse contexto, Gil (2014, p. 35-36) ensina que podem ser verificadas muitas implicações como fatores decisivos na escolha do problema de pesquisa, por exemplo, a relevância, a oportunidade e o comprometimento.



Figura 2 – A curiosidade é um fator preponderante para que se desenvolva a problematização na investigação científica, mas é importante, por exemplo, que o problema a ser estudado tenha relevância



Fonte: Pixabay.¹

A relevância pode adquirir uma caracterização científica ou prática, considerando seus resultados para o desenvolvimento de novos conhecimentos ou sua aplicabilidade, trazendo resultados favoráveis para quem o propôs. Já a oportunidade pode definir uma problematização, na medida em que são oferecidos, ao pesquisador, financiamentos e certas condições materiais, como acesso a determinados documentos ou a instrumentos para análise. Ainda, o comprometimento considera a integração do pesquisador no projeto, como um técnico em uma organização, por exemplo.

Thiollent (2005, p. 53) esclarece que:

Na pesquisa científica, o problema ideal pode remeter à constatação de um fato real que não seja adequadamente explicado pelo conhecimento disponível. Um outro tipo de problema remete às ambiguidades internas existentes nas explicações anteriormente produzidas. O porquê dessas situações constitui o problema inicial, isto é, o ponto de partida interrogativo da investigação. Notamos, de passagem, que na clássica formulação de um problema, são relacionados pelo menos dois elementos. O problema diz respeito à relação entre um elemento real e um elemento explicativo inadequado ou à relação entre dois elementos explicativos concorrentes do mesmo fato. Se houvesse apenas um elemento não seria um problema, mas apenas um tema.

Antes de alçarmos voo em direção aos questionamentos que conduzirão a pesquisa, devemos perguntar a nós mesmos se o problema é relevante, se há possibilidade, tempo e recursos suficientes para resolvê-lo, além de outras indagações.

A partir daí, devemos nos concentrar em verificar o que nos ensinam tantos autores (THIOLLENT, 2005; GIL, 2014; MINAYO, 2013) quando afirmam que o problema deve ser constituído, basicamente, por questionamentos que:

¹ PIXABAY. Ukrtor. Disponível em: <<http://bit.ly/2hawnM1>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

- a) sejam estruturados como perguntas;
- b) atendam aos princípios da ética;
- c) sejam delimitados a uma dimensão viável;
- d) tenham clareza e precisão;
- e) apresentem referências empíricas;
- f) conduzam a uma pesquisa factível.

Como exemplo disso, no campo da Biblioteconomia não são poucos os questionamentos que poderiam ser listados, dependendo da área de interesse e do assunto.

Exemplos:

Figura 3 – Questões



Fonte: Pixabay.²

- a) Até que ponto as teorias da Administração influenciam no gerenciamento dos recursos físicos nas unidades de informação?
- b) Que aprimoramentos identificamos no gerenciamento do fluxo da informação, levando-se em consideração sua aplicação em ambiente *web*?
- c) Como podemos constatar, ao longo da história, um aumento na importância da biblioteca como instituição cultural?

As hipóteses que esses questionamentos suscitarão devem, enfim, ter por base uma teoria que as sustente, com conceitos claros e objetivos, sem pressupostos de ordem moral, posto que, ao final da pesquisa, o pesquisador deverá responder a elas com evidências também claras e objetivas.

Originariamente, uma hipótese pode ser concebida como uma “proposição que pode ser colocada à prova para determinar sua validade” (GOODE; HATT, 1972, p. 75). Observe-se, entretanto, que ela serve, de modo geral, para explicar fatos suscitados pela pesquisa. As hipóteses, segundo *Gil* (2014, p. 41), podem referir-se a pessoas ou fatos, a padrões ou às relações estabelecidas entre determinadas variáveis ou categorias com as quais trabalhe o pesquisador.

Estes elementos, problema e hipótese, serão a base dos objetivos da pesquisa, formulados em dimensão geral e específica. Em sua dimensão geral, o objetivo está associado a uma visão global e mais abrangente do tema, o que, segundo *Prodanov e Freitas* (2013, p. 214), o faz estar diretamente vinculado à própria significação desse tema, devendo vir caracterizado com um verbo de ação. Já os objetivos específicos, de acordo com esses mesmos autores, apresentam caráter mais concreto e têm função intermediária e instrumental, destinando-se a eles verbos no infinitivo, como analisar, descrever, identificar, comparar, e outros que permitam a identificação objetiva do tema estudado, aplicáveis em situações particulares.

² PIXABAY. 3dman_eu. Disponível em: <<http://bit.ly/2zPMO7Q>>. Acesso em: 14 dez. 2018.



1.4.1 Atividade

Registre aqui os passos seguintes de sua pesquisa, considerando:

Q = questionamento, H = hipótese e O = objetivo.

TEMA:

Q1:

Q2:

Q3:

H1:

H2:

H3:

O1:

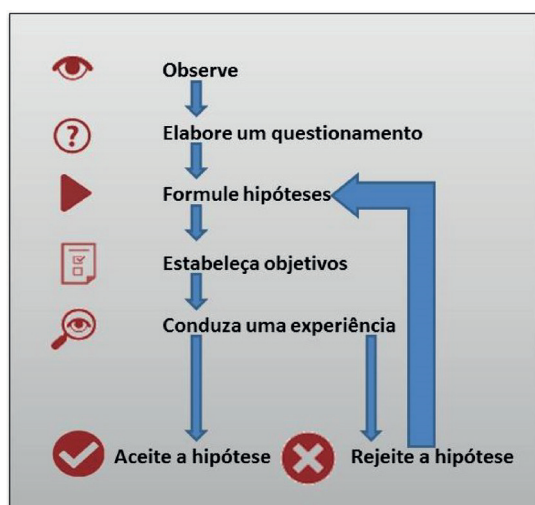
O2:

O3:

1.5 REVISITANDO A METODOLOGIA DO PROJETO DE PESQUISA

A etapa de registro da metodologia requer muitos cuidados e atenção. Ela não nasce do nada, vem das conexões possíveis entre a teoria e os objetivos estabelecidos na pesquisa, como já sabemos, pois já nos aproximamos dela no projeto de pesquisa.

Figura 4 – Etapas do projeto de pesquisa



Fonte: Freepik.³

É comum apontar-se a metodologia como o **como fazer** e, nesse sentido, dedicar-se a definir os procedimentos metodológicos da pesquisa, considerando apenas seus instrumentos e métodos. Mas, em sua amplitude, ela é o caminho de fazer ciência. Sendo assim, outros elementos precisam ser esclarecidos também, dando significado ao procedimento metodológico.

É nessa etapa do trabalho, portanto, que vamos procurar definir o tipo de pesquisa que se vai desenvolver, com qual sujeito se vai trabalhar, que instrumentos para a coleta de dados serão utilizados, quanto tempo será gasto para a realização do trabalho, como será feita a divisão do trabalho, como serão realizadas as formas de tabulação e de tratamentos dos dados recolhidos. Todas essas questões devem ser abordadas considerando sua área de pesquisa em Biblioteconomia e adequadas aos procedimentos necessários. É hora, então, de revisitarmos a metodologia já estabelecida no projeto de pesquisa e perguntar se os registros respondem a essas condições e o que devemos adicionar com o avanço do estudo.

³ FREEPIK. Disponível em: <<https://br.freepik.com/>>. Acesso em: 14 dez. 2018.



Atenção

Epistemológico

É o que se refere à epistemologia que, segundo definição do *Dicionário Aurélio* (1998), é o ramo da filosofia que se ocupa dos problemas que se relacionam com o conhecimento humano, refletindo sobre a sua natureza e validade.

Minayo (2007, p. 44) define metodologia sob diversas perspectivas:

- a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer;
- b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação;
- c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

A título de revisão, elaboramos o quadro a seguir, que representa a forma como têm sido categorizados os procedimentos metodológicos que devem auxiliar no registro do percurso da pesquisa.

Quadro 2 – Metodologia

METODOLOGIA	
Quanto à abordagem	– Qualitativa – Quantitativa – Quanti-Quali
Quanto à natureza	– Básica – Aplicada
Quanto aos objetivos	– Exploratória – Descritiva – Explicativa
Quanto aos procedimentos	– Experimental – Bibliográfica – Documental – <i>Ex-Post Facto</i> – de Levantamento – de Estudo de Caso – de Estudo de Coorte – Pesquisa-Ação – Participante – Etnográfica – Etnometodológica

Fonte: adaptado de *Silveira e Córdova* (2009).

A apropriação dos conceitos que circundam esses termos permitirá uma adequada identificação da pesquisa e facilitará os procedimentos a se estabelecer.

Outro aspecto que deve ser definido no campo da metodologia é apontar o foco da pesquisa. Isso significa que uma unidade de análise deve ser especificada, que pode ser um grupo, uma biblioteca, uma escola, um curso, uma instituição, uma localidade, um autor. Em uma população relativamente grande e para não correremos o risco de generalizar, é importante lançar mão de técnicas de amostragem, que permitem reduzir o número de sujeitos em uma pesquisa. Ampliaremos essa visão nas unidades posteriores.

Por fim, precisamos explicitar o instrumento ou os instrumentos para a coleta de dados que serão utilizados. Dentre aqueles mais comuns entre os pesquisadores, temos entrevistas, observações, aplicação de questionários; ou ainda consulta a documentos, bancos de dados, revistas, jornais, entre outros veículos, que deverão ser escolhidos em conformidade com os objetivos previamente estruturados.

Nessa perspectiva, alcançamos uma fase essencial da pesquisa, criando condições satisfatórias para uma combinação de técnicas apropriadas a seus objetivos e instituindo uma estrutura de raciocínio para a interpretação fundamentada dos dados coletados.



1.5.1 Atividade

TEMA

OBJETIVO GERAL

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ---
- ---
- ---

METODOLOGIA

Descreva aqui os pontos principais da metodologia de sua pesquisa, como um roteiro que servirá de base para você alterar ou manter o que já foi desenvolvido nela, considerando a definição do objeto de estudo, as categorias de análise e os instrumentos.



1.6 CONSTRUINDO UM PLANO DE AÇÃO

Um dos itens trabalhados em seu projeto de pesquisa foi o cronograma. Lembra dele? O exemplo a seguir mostra uma das formas possíveis de organizá-lo. Ele deve estar, pelo menos, parecido com o que você já preparou.

Quadro 3 – Cronograma

CRONOGRAMA				
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	Ano _____		Ano _____	
	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE
Levantamento bibliográfico				
Pesquisa de campo				
Análise dos resultados obtidos				
Apresentação				

Fonte: produção do próprio autor.

Toda pesquisa, para ser bem-sucedida, além de evitar desperdício de tempo e recursos intelectuais e financeiros, deve pautar-se em um planejamento. Portanto, elaborar um cronograma é fundamental para a organização do tempo e do trabalho, permitindo que a fase de execução seja feita com melhor controle dos itens metodológicos e logísticos. Deve-se levar em conta que, no decorrer do processo, podem surgir imprevistos.

O cronograma deve ter como referência a duração do trabalho de pesquisa, enfatizando, principalmente, a data de início e de fim. O período das etapas pode estar dividido conforme critérios estabelecidos pelo pesquisador e, assim, apontar dias, semanas, quinzenas, meses ou semestres em que estará distribuído o trabalho de execução.

Observe, no exemplo do quadro anterior, que foram registrados em um cronograma (ou plano de ação) simples apenas os itens gerais, frequentemente necessários, sem os desdobramentos que, sem dúvida, acontecem. É uma primeira aproximação.

Como sabemos, cada uma dessas fases requer ações específicas para sua realização. Embora esse cronograma não vá aparecer no TCC, pelo menos com essa estrutura, ele, por si só, também contará a história de sua pesquisa.



1.6.1 Atividade

Como um exercício preparatório para a organização e o planejamento de seu TCC, ainda que vá ser complementado, registre aqui as etapas que você necessita desenvolver para concluí-lo:

ATIVIDADES		Períodos									
		Ano:					Ano:				
Levantamento bibliográfico											
Pesquisa de campo											
Análise dos resultados obtidos											
Apresentação											



1.6.2 O plano de ação

Um plano de ação para um TCC sustenta-se também no planejamento dos itens que comporão o núcleo de seu trabalho.

Esse plano é geralmente provisório e passa por muitas revisões e alterações. É constituído de uma seleção de subtemas ordenados e sua complexidade e detalhamento variam de acordo com as características do tema, expondo as intenções do pesquisador e os objetivos da pesquisa. Ele deve ser pensado com cautela e amadurecimento de ideias.

Essa fase do trabalho funciona como o registro do índice e obedecerá à lógica que regerá o desenvolvimento de cada parte do TCC.

Veja o exemplo adaptado de *Gil* (2014, p. 73):

Uma pesquisa, por exemplo, que tenha como objetivo verificar como se desenvolveu o ensino da Biblioteconomia no Brasil poderia ser norteadada pelo seguinte plano:

1. Ensino de Biblioteconomia no Brasil
 - 1.1 Contexto histórico da formação em Biblioteconomia
 - 1.2 Evolução das diretrizes curriculares
2. Cursos de Biblioteconomia no Brasil
 - 2.1 A criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia
 - 2.2 Projetos Pedagógicos
 - 2.3 Perfil do corpo docente
3. Tendências e perspectivas no ensino de Biblioteconomia no país
 - 3.1 Aspectos influenciadores de mudança no âmbito da formação
 - 3.2 Aspectos influenciadores de mudança no âmbito da atuação profissional (GIL, 2014, p. 73).



1.6.3 Atividade

Com certeza já temos uma ideia do que poderíamos tratar no plano de trabalho do TCC, ainda que de forma inicial e hipotética, com possibilidade de alterações. Então, vamos registrar aqui?

1. _____
 - 1.1 _____
 - 1.2 _____
 - 1.3 _____
2. _____
 - 2.1 _____
 - 2.2 _____
 - 2.3 _____
3. _____
 - 3.1 _____
 - 3.2 _____
 - 3.3 _____

- 3.4 _____
 - 4. _____
 - 4.1 _____
 - 4.2 _____
 - 4.3 _____
-

1.7 CONCLUSÃO

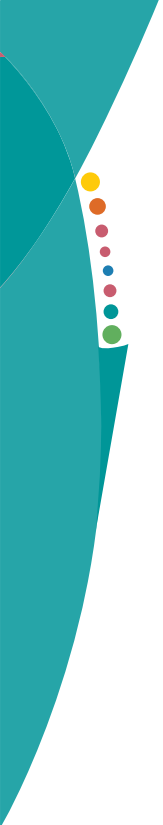
Nesta Unidade, procuramos retomar o projeto de pesquisa e possibilitar as escolhas e ajustes necessários a sua temática, seus objetivos e sua metodologia. Sendo assim, discutimos e propusemos a organização de elementos essenciais ao TCC.

A partir de atividades direcionadas, estabelecemos critérios para a definição do tema do trabalho, selecionados nos termos dos eixos temáticos do curso de Biblioteconomia na modalidade a distância, e apresentamos condições para o levantamento do problema, das hipóteses e dos objetivos da pesquisa.

De posse desses elementos, consideramos possível a proposição de um plano de ação para a construção do TCC.

RESUMO

- a) O primeiro passo para a realização de um TCC é a escolha do tema. Ele indica a área de interesse ou o assunto a ser investigado e deve seguir, pelo menos, três dos seguintes critérios básicos: gosto pessoal, preparo técnico e tempo disponível; importância ou utilidade do tema; existência de fontes.
- b) Depois de definir o tema, é preciso apontar o percurso da pesquisa, ou seja, determinar o que pretendemos investigar, identificando quais são os questionamentos que surgem dentro do tema escolhido.
- c) Os questionamentos são suscitados a partir de uma hipótese (ou hipóteses), que pode ser concebida como proposição, devendo ser colocada à prova para determinar sua validade.
- d) O problema e a hipótese serão a base dos objetivos da pesquisa, que serão formulados em dimensão geral e específica. O objetivo geral está associado a uma visão global e mais abrangente do tema.



Já os objetivos específicos apresentam caráter mais concreto e têm função intermediária e instrumental.

- e) É necessário, nesta etapa do trabalho, rever a metodologia, procurando definir o tipo de pesquisa que se vai desenvolver, com qual sujeito se vai trabalhar, que instrumentos para a coleta de dados serão utilizados, quanto tempo será gasto para a realização do trabalho, como será feita a divisão do trabalho, como serão realizadas as formas de tabulação e de tratamento dos dados recolhidos.
- f) A elaboração de um cronograma é fundamental para a organização do tempo e do trabalho, permitindo que a fase de execução seja feita com melhor controle dos itens metodológicos e logísticos. O cronograma deve ter como referência a duração do trabalho de pesquisa, enfatizando, principalmente, a data de início e de fim.
- g) Por fim, tratamos do plano de ação, que geralmente é provisório e passa por muitas revisões e alterações, sendo constituído de uma seleção de subtemas ordenados. Sua complexidade e detalhamento variam de acordo com as características do tema escolhido.

UNIDADE 2

REVENDO AS NORMAS TÉCNICAS

2.1 OBJETIVO GERAL

Rever as normas técnicas que devem ser respeitadas na elaboração do TCC.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

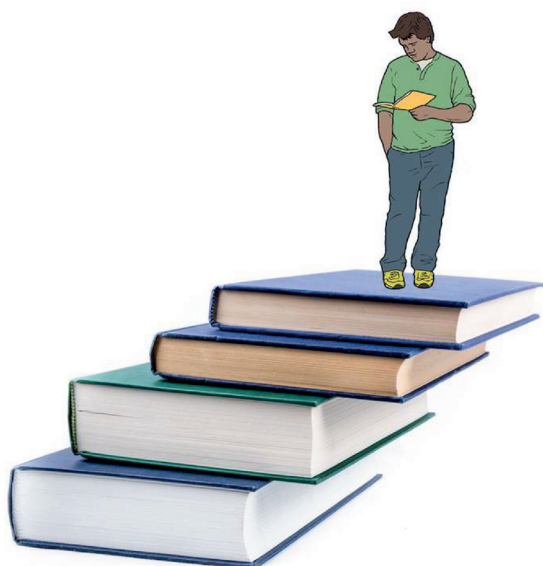
Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) identificar adequadamente as partes do TCC, observando as normas estabelecidas;
 - b) empregar adequadamente as normas para inclusão de citações em um trabalho acadêmico;
 - c) empregar adequadamente as normas para registro das referências em um trabalho acadêmico.
-

2.3 ENTENDENDO A ESTRUTURA GERAL DO TCC

O TCC é o registro do percurso de uma pesquisa sobre um tema específico. Considerando que os procedimentos em ciência seguem uma estrutura reconhecida, mantemos o foco, nesta Unidade, na estrutura geral do TCC e orientamos sobre requisitos que devem ser observados pelo pesquisador na disposição gráfica de seu texto. Resgatamos, para tanto, aspectos já estudados na disciplina *Normalização Documental*.

Figura 5 – Desenvolver um TCC não é uma tarefa trivial, já que se propõe a ser um registro de uma ampla pesquisa realizada sobre o tema escolhido. Um passo fundamental para o sucesso envolve uma boa organização do trabalho



Fonte: Public Domain Pictures⁴; Pixabay.⁵

Organizar o TCC é um momento de desafio para o pesquisador. Isso porque esse momento exige a integração das atividades desenvolvidas para a pesquisa com o conjunto de normas acadêmicas para sua apresentação, consolidando seu registro.

Sabemos que a *Associação Brasileira de Normas Técnicas* (ABNT) oferece a referência para essa adequação do texto, estabelecendo a estrutura indicada de um TCC.

Vejamos que partes compõem um TCC:

⁴ PUBLIC DOMAIN PICTURES. George Hodan. **Books on White**. Disponível em: <<http://bit.ly/2yWJiuv>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

⁵ PIXABAY. Clker-Free-Vector-Images. Disponível em: <<http://bit.ly/2ln6QUk>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

Quadro 4 – Elementos do TCC

ELEMENTOS DO TCC	
Pré-Textuais	– Capa – Errata – Folha de rosto – Folha de aprovação – Dedicatória (opcional) – Agradecimento (opcional) – Epígrafe (opcional) – Resumo em língua portuguesa – Resumo em língua estrangeira – Sumário – Listas (quando necessário)
Textuais	– Introdução – Desenvolvimento – Conclusão
Pós-Textuais	– Obras citadas – Obras consultadas – Apêndices – Anexos – Glossário (opcional) – Índice (opcional)

Fonte: Norma ABNT 14.724:2006.

Os elementos pré-textuais são aqueles que, como o nome indica, antecedem o texto, apresentando informações que ajudam a identificar o trabalho. Essa é a definição recorrente dessa parte do TCC, que deve ser observada, posto que cada um de seus elementos segue determinados parâmetros em sua configuração, como margens, localização na página, fonte e ajuste de parágrafo. Observe-se que alguns deles são opcionais.

Os elementos textuais são aqueles que constituem o núcleo do trabalho, variando de acordo com a área de estudo escolhida. A introdução, parte inicial do estudo, registrará não só a apresentação do tema, mas também o problema e as hipóteses, os objetivos e os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Além disso, poderá dar um direcionamento dos capítulos ou unidades que se seguirão. O desenvolvimento, por sua vez, será constituído de um texto que dependerá da forma como foi construído o trabalho, com uma ordenação lógica que pode ser registrada como capítulos ou unidades. Por fim, a conclusão é a etapa do trabalho em que, com base nos resultados da pesquisa elaborada já apresentados, registra-se a necessária conexão com a parte introdutória do trabalho e se conclui o sentido das hipóteses e dos objetivos.

A última etapa é constituída pelos elementos pós-textuais e definida pelo conjunto das referências, anexos e apêndice. As referências, como veremos a seguir, obedecem a procedimentos estabelecidos para seu registro; os anexos representam todos aqueles elementos que comprovam o conteúdo de suas conclusões sobre a pesquisa: podem se constituir em uma lei, questionários utilizados, entrevistas, sempre com a finalidade

de esclarecer e confirmar os pontos do estudo realizado; já o apêndice é constituído por tabelas, quadros, gráficos e outras ilustrações que não figuram no texto, bem como o(s) instrumento(s) de pesquisa – em síntese, material trabalhado pelo próprio pesquisador.

2.4 ORGANIZANDO CITAÇÕES

É muito comum, em trabalhos acadêmicos, estarem incluídas citações de autores que ajudam a dar suporte ao texto e reafirmam ou comprovam as hipóteses contidas em um TCC. Entretanto, para seu uso, é indispensável seguir o estabelecido na norma *ABNT 10.520:2002*, a fim de garantir o direito da autoria do referido autor, considerando, ainda, que as citações podem aparecer no texto de forma direta ou indireta.

A citação direta é a transcrição literal do texto do autor e deve vir em destaque. Se tiver menos de três linhas, virá na sequência do texto; com mais de três, em destaque e em parágrafo à parte.

Vejamos os exemplos a seguir:

Exemplo1

Desde o final de 1991, quando se apresentou por limite de idade, o meu antigo mestre na *Universidade de Brasília* voltou ao seu estado natal, passando a residir em Olinda, junto com seus inúmeros gatos e milhares de livros. Desde então se dedica às lides de proferir conferências e à publicação de livros voltados principalmente para a área de Biblioteconomia e também sobre o legado freyreano. Com certo atraso, a importância do mestre *Edson* para a nossa área parece estar sendo descoberta. A título de exemplo, dois fatos ilustram esta alternativa. O primeiro, em 2001, por ocasião da comemoração dos seus 80 anos de nascimento, quando foi lançada uma obra coletiva de textos reunidos por *Antônio Motta* e *Gilda Verri* (5). O segundo exemplo: um grupo de alunos de Biblioteconomia da *Universidade Federal de São Carlos* criou um blogue em sua homenagem (6).

Mas, voltemos à *Introdução à Biblioteconomia*. No prefácio à primeira edição, escrita em 1991, o autor comentou que:

[...] é natural que nela não apareça a Internet, o livro eletrônico e a informação digital. Não me animo, entretanto, a tratar de tão importantes invenções porque outros colegas poderão fazê-lo melhor do que eu [...] não posso, entretanto, deixar de exprimir o que penso diante da pós-modernidade biblioteconômica que estamos vivendo neste alvorecer do século XXI (CUNHA, 1991, p. XV).⁶

⁶ Fonte: SIQUEIRA, J. C. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 52-66, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362010000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Exemplo 2

Segundo o autor, a evolução sociocultural é vista como: “[...] um movimento histórico de mudança dos modos de ser e de viver dos grupos humanos, desencadeado pelo impacto de sucessivas revoluções tecnológicas sobre as sociedades” (RIBEIRO, 2000, p. 15 apud SIQUEIRA, 2010, p. 52-66).

Ou seja, os modelos conceituais da vida social se combinam com uma determinada tecnologia produtiva, que por sua vez procura ordenar as relações humanas, em um esforço de interpretar experiências e refletir sua perspectiva ideológica. Assim, todo sistema social se apoia sobre um sistema tecnológico e é determinado por este último, porém, todo sistema tecnológico funciona dentro de um sistema social e é consequentemente condicionado por ele.

Observe-se que a citação direta nunca surgirá solta, sem que faça sentido na fluidez do próprio texto do TCC. Isso significa que ela sempre virá precedida de um texto que chame a citação e sucedida por outro, que complemente e explique as razões de sua utilização.

Já a citação indireta é aquela em que há uma interpretação do que determinado autor apontou. Da mesma forma, é necessário citar o autor da ideia descrita.

Exemplo 3

Para *Ribeiro* (2000 apud SIQUEIRA, 2010, p. 52-66), a história da humanidade pode ser compreendida a partir do entendimento de uma sucessão de revoluções tecnológicas e processos civilizatórios em que o homem passa de uma condição generalizada para uma vivência diferenciada. Para realizar uma evolução sociocultural, as sociedades humanas devem passar por dois processos simultâneos e mutuamente complementares: a autotransformação, responsável pela diversificação, e a homogeneização, responsável pela manutenção do patrimônio cultural. Além disso, há três imperativos que as influenciam: o caráter tecnológico, o social e o ideológico, elementos que permitem as formações socioculturais.

É importante que, nesse processo de organização das citações, sejam observadas as normas técnicas que indicam a ABNT e a instituição a quem o pesquisador está ligado durante a execução de seu TCC. Deve-se lembrar, ainda, que as citações também poderão aparecer em notas de rodapé e que as expressões *idem*, *ibidem* e *opus citatum* podem ser usadas para evitar a repetição do nome do autor ou da obra.

2.5 ORGANIZANDO REFERÊNCIAS

O item Referências contém a apresentação padronizada dos elementos de todas as obras utilizadas para um trabalho acadêmico, de forma a permitir sua identificação e seguindo as normas indicadas na ABNT para esse fim.

São considerados elementos essenciais (ABNT 6023:2002) para identificação de uma obra: nome do autor, título, edição, local, editora e data de publicação, nessa sequência. Devem-se verificar os necessários registros complementares nos casos de capítulo de livro, artigos em revistas, documentos em anais de eventos científicos, teses, dissertações, legislação em geral, fitas de vídeo, DVDs, CDs-ROM, mapas, gravuras, ilustrações, fotografias, desenhos, artigos em jornais ou em *sites* da *web*, entre outros registros.



Explicativo

Não esqueça que as referências bibliográficas:

- a) são organizadas em ordem alfabética;
- b) devem ser alinhadas somente à margem esquerda do texto, em espaço simples e separadas entre si por espaço duplo;
- c) devem seguir a mesma regra de apresentação em todo o trabalho.

Será sempre recomendável que, no momento da escrita do texto, já seja providenciado, concomitantemente, no campo das referências, o registro de identificação de cada obra e autor citados, a fim de evitar esquecimentos.

Quanto às normas técnicas referentes à apresentação gráfica do texto, é preciso estar atento, enfim, a todas as recomendações, observando-se os limites de margens, o registro de notas, o tamanho e o estilo de fonte, os espaços de linhas e parágrafos, bem como os destaques ordenados para a sequência de títulos de capítulos e seções.



Multimídia

Vale a pena conferir as normas técnicas sintetizadas no manual criado pela *Universidade Federal do Rio de Janeiro* (UFRJ) e disponibilizado no endereço que se segue: <<https://www.sibi.ufrj.br/index.php/produtos-e-servicos/manuais-e-publicacoes>>.





2.5.1 Atividade

Observe cada um dos trechos a seguir, determinando se são citações diretas ou indiretas.

- a) Citação é a “menção no texto de uma informação extraída de outra fonte” (ABNT, 2001, p. 1) e pode aparecer no texto de forma direta ou indireta.

- b) Ao utilizar os mecanismos de busca, concorda-se com *Baptista* (2007, p. 4) sobre a ideia de que se deve ter a ética como critério de pesquisa, tendo em vista a facilidade de acessar, baixar e reproduzir os mais variados documentos a partir da rede.

- c) Para *Barros e Lehfeld* (2000, p. 107):

As citações ou transcrições de documentos bibliográficos servem para fortalecer e apoiar a tese do pesquisador ou para documentar sua interpretação. O que citar? Componentes relevantes para descrição, explicação ou exposições temáticas. Para que citar? Para o investigador refutar ou aceitar o raciocínio e exposição de um autor suporte [...].

Resposta comentada

- a) É uma citação direta, em que se repete literalmente o que foi dito pelo autor. Chamamos de direta curta a esse tipo de citação, pois tem menos de três linhas e aparece entremeadada ao texto.
- b) É uma citação indireta. Nesse caso, faz-se uma interpretação do que foi dito pelo autor e não se reproduz sua fala literalmente.
- c) Trata-se de uma citação direta longa, pois tem mais de três linhas e, assim, deve aparecer ressaltada no texto com um recuo.

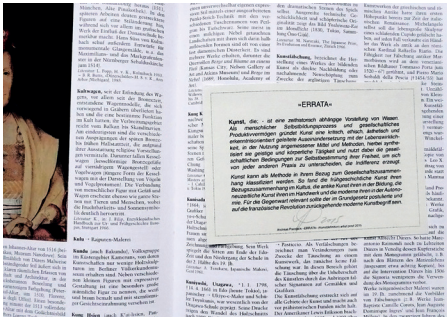


2.5.2 Atividade

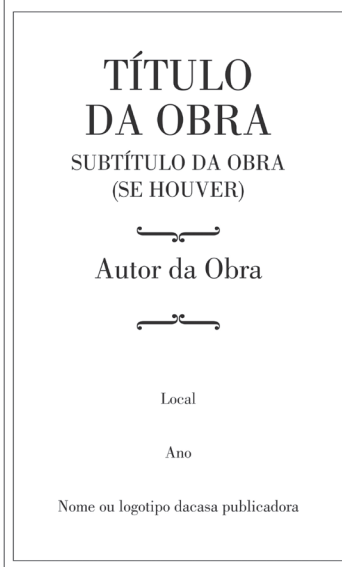
Os elementos listados a seguir são componentes de um TCC. Identifique de que tipo de elemento se trata (pré-textual, textual ou pós-textual).

- a) **Bibliografia** [editar | editar código-fonte]
- Araújo, Emanuel. A Construção do Livro: Princípios de técnica de edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/NL, 1986. ISBN 85-209-1042-4
 - Carvalho, João Soares. A Metodologia nas Humanidades. Lisboa, Editorial Inquérito, 1994. ISBN 972-670-221-4
 - Eco, Umberto. Como se faz uma Tese em Ciências Humanas: 2ª edição. Lisboa, Editorial Presença, 1995. ISBN 972-23-1351-7
 - NBR 6023 (Norma Portuguesa para Referências Bibliográficas). Lisboa, Instituto Português de Qualidade, 1994
 - NBR 6023 (Informação e Documentação — Referências — Elaboração). Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2002
 - «Bibliografia». Código de Redação Interinstitucional. Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias. [1]

Fonte: Wikipédia.⁷

- b) 

Fonte: Wikimedia Commons.⁸

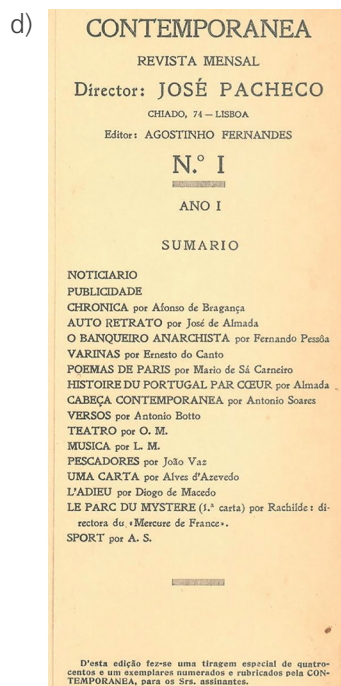
- c) 

Fonte: Wikimedia Commons.⁹

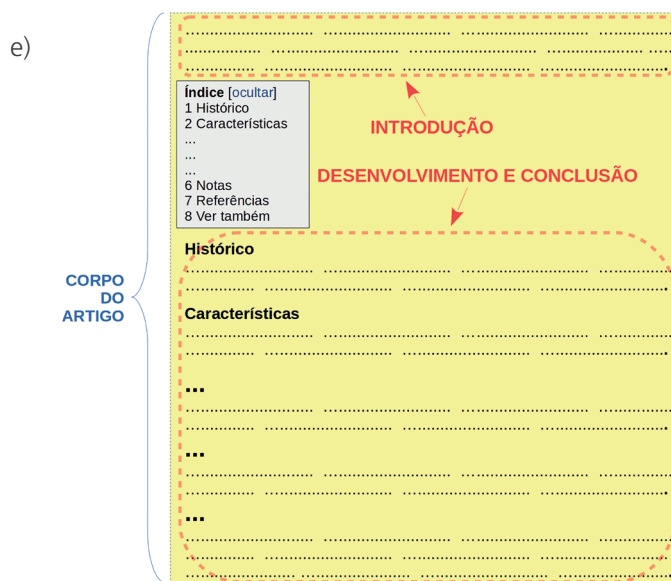
⁷ WIKIPÉDIA. **Referência bibliográfica**. Disponível em: <<http://bit.ly/2iafsly>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

⁸ WIKIMÉDIA COMMONS. Andreas Paeslack. **Errata**. Disponível em: <<http://bit.ly/2y9YVQ2>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

⁹ WIKIMÉDIA COMMONS. Iara Pierro. **Folha de rosto**. Disponível em: <<http://bit.ly/2iahpLY>>. Acesso em: 13 dez. 2018.



Fonte: *Wikimedia Commons*.¹⁰



Fonte: *Wikipédia*.¹¹

Resposta comentada

- Bibliografia é um termo generalizado para designar a listagem das obras que foram consultadas. Sendo assim, ela é um elemento pós-textual.
- A errata é um documento onde se elencam os erros da obra. É um elemento pré-textual.
- A imagem é de uma capa, que é um elemento pré-textual.

¹⁰ WIKIMEDIA COMMONS. Contemporânea. **Revista Contemporânea n. 1 (1922)**. Disponível em: <<http://bit.ly/2iFEUKm>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

¹¹ WIKIPÉDIA. Yuri Ribeiro Sucupira. **Estrutura básica dos artigos da Wikipédia**. Disponível em: <<http://bit.ly/2yS6Xdv>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

- d) O sumário enumera as divisões, seções e capítulos de um trabalho. É um elemento pré-textual.
- e) A introdução, o desenvolvimento e a conclusão são elementos que fazem parte do “corpo” do trabalho, portanto são considerados elementos textuais.



2.5.3 Atividade



Apesar de ainda não haver um consenso sobre o assunto, a citação de artigos extraídos da *web* deve seguir uma forma padronizada. Veja o modelo:

GUIMARÃES, J. A. C. Pesquisa discente em biblioteconomia no Brasil: elementos para uma política em cursos de graduação. **Revista Transinformação**, v. 14, n. 1, p. 55-62, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v14n1/07.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

Agora é sua vez!

Visite o endereço <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v15n1/04.pdf>>, recolha as informações e construa a referência adequada para o artigo indicado.

Semestre

7

2.6 CONCLUSÃO

Nesta Unidade, considerando o valor que se deseja atribuir ao estudo contido no TCC para os meios acadêmicos, orienta-se a necessária adequação da pesquisa às normas técnicas, procurando compreender os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais que o compõem.

Uma das questões que se impõe nesse processo é o cuidado com as citações. Verificamos, assim, que todo texto expresso por um autor deve estar devidamente identificado com o referido destaque, indicando-se o ano e a página de onde foi extraído.

Nessa perspectiva, observamos também a forma como devem estar organizadas as referências, nos termos do que indica a ABNT.

RESUMO

a) As partes que compõem um TCC são:

- **elementos pré-textuais:** capa, errata, folha de rosto, folha de aprovação, dedicatória (opcional), agradecimento (opcional), epígrafe (opcional), resumo em língua portuguesa, resumo em língua estrangeira, sumário e listas (quando necessário);
- **elementos textuais:** introdução, desenvolvimento e conclusão;
- **elementos pós-textuais:** obras citadas, obras consultadas, apêndices, anexos, glossário (opcional) e índice (opcional).

b) as citações podem aparecer no texto de forma direta ou indireta. A forma direta é a transcrição literal do texto do autor e deve vir em destaque. Já na citação indireta ocorre uma interpretação do que o autor citado diz;

c) todas as obras utilizadas para desenvolver o TCC devem ser listadas nas referências seguindo as normas indicadas na ABNT. São considerados elementos essenciais para identificação nas referências: o nome do autor, o título, a edição, o local, a editora e a data de publicação.

UNIDADE 3

AMPLIANDO A REVISÃO DE LITERATURA



3.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar o processo de revisão da literatura como etapa essencial para o suporte teórico de toda a pesquisa, oferecendo elementos para sua construção.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) identificar os tipos de revisão da literatura e suas principais características;
 - b) estabelecer os critérios a serem considerados na escolha dos autores para a fundamentação teórica;
 - c) utilizar estratégias no processo de construção da revisão da literatura;
 - d) escolher alternativas para o registro da revisão da literatura ao elaborar os capítulos do TCC.
-

3.3 REVISITANDO A SELEÇÃO DA LITERATURA

Embora vários aspectos da revisão da literatura já tenham sido tratados nas disciplinas *Fontes da Informação I*, *Fontes da Informação II* e *Metodologia da Pesquisa II*, nesta Unidade será necessário dar enfoque a aspectos que contribuirão para o ajuste final do referencial teórico do TCC, considerando a interação das disciplinas e a construção do conhecimento sobre o tema tratado.

O mundo contemporâneo, geralmente qualificado como sociedade da informação, traz o desafio para os pesquisadores de manterem-se constantemente atualizados. O volume dos objetos de informação obriga, assim, o pesquisador a adotar mecanismos criteriosos na seleção da literatura a ser utilizada em seu processo de pesquisa, considerando, inclusive, tudo o que está disponível nas bases de dados, nos instrumentos de busca da internet e nos arquivos das bibliotecas.

Figura 6 – Com tantas informações disponíveis, como saber quais utilizar e quando o que já temos é suficiente?



Fonte: WikimediaCommons.¹²

3.3.1 Tipos de revisão da literatura

Um dos grandes desafios do pesquisador é desenvolver um corpo de conhecimento sólido que possa fundamentar e nortear seus estudos. O aumento da quantidade de produção científica tem demandado a análise criteriosa da literatura existente, com estudos que sintetizem a informação científica produzida na área.

¹² WIKIMEDIA COMMONS. Niabot. **Magnifying glass with focus on glass**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Magnifying_glass_with_focus_on_glass.png>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Observe-se, então, que, no processo de construção de sua pesquisa, a revisão da literatura caracteriza-se pela análise e pela síntese da informação disponibilizada por todos os estudos relevantes publicados sobre um determinado tema, resumindo-se o conhecimento existente para a conclusão a respeito de um assunto que seja pertinente à área de pesquisa.

Podemos identificar diversos tipos de estudos de revisão da literatura, considerando suas metodologias específicas para a publicação de produções científicas.

Há o caso, por exemplo, da chamada revisão da literatura narrativa, cuja finalidade é descrever e discutir um determinado tema, optando-se por uma tendência teórica ou conceitual. A revisão narrativa constitui-se basicamente da análise de obras e artigos publicados sobre tal tema. Nesse sentido, é o estado da arte de um dado assunto, não oferecendo, portanto, respostas quantitativas para situações específicas.



Explicativo

Pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que buscam investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (FERREIRA, 2002, p. 258).

Há ainda a revisão da literatura sistemática, que possui a característica de ser planejada e orientada a responder uma questão elaborada. Esse tipo de revisão da literatura utiliza-se de metodologia estabelecida, coletando e analisando dados para compor o estudo.

Embora não haja ainda unanimidade, alguns autores sugerem a possibilidade de uma revisão da literatura denominada integrativa, cujas bases associariam as principais características dos tipos de revisão da literatura descritos.

Veja o quadro-resumo a seguir, construído na perspectiva de uma área de conhecimento específica, que compara os tipos de revisão da literatura:

Quadro 5 –Tipos de revisão da literatura

ITENS	REVISÃO NARRATIVA	REVISÃO SISTEMÁTICA
Questão	Ampla	Específica
Fonte	Frequentemente não especificadas, potencialmente com viés	Fontes abrangentes, estratégia de busca explícita
Seleção	Frequentemente não especificadas, potencialmente com viés	Seleção baseada em critérios aplicados uniformemente
Avaliação	Variável	Críteriosa e reprodutível
Síntese	Qualitativa	Quantitativa ¹³
Interferências	Às vezes baseadas em resultados de pesquisas clínicas	Frequentemente baseadas em resultados de pesquisas clínicas

Fonte: produção do próprio autor.

Logo, a revisão da literatura desempenha um importante papel no ciclo de produção do conhecimento. Essa etapa do TCC caracteriza-se, enfim, por ser uma análise detalhada de produções relacionadas a determinada área temática. Para além dessa indicação simples, entende-se o momento da etapa da revisão da literatura no processo de construção da pesquisa como aquele em que se faz um levantamento aprofundado do estágio atual das pesquisas sobre o tema, investigando os registros já realizados, bem como aqueles que podem ser comparados.

Você, estudante do campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, já está acostumado a envolver-se com variadas publicações, a organizá-las e a processar as informações que trazem. Nessa etapa da construção do TCC, todos esses conhecimentos serão de grande utilidade e contribuirão para a organização e a produção de seu texto final.

No projeto de pesquisa, fizemos uma primeira aproximação com as obras que servem de base para um estudo. Aqui, procuramos ampliar a revisão da literatura para consolidar os fundamentos da pesquisa e poder proceder a uma análise criteriosa dos dados obtidos na busca pelas respostas aos problemas e hipóteses estabelecidos pelo pesquisador.

Nessa perspectiva, indica-se que sejam organizadas ações no sentido da seleção atenta dos autores e das obras a serem consultadas, que todo o material pesquisado e recolhido seja organizado em um processo de fichamento e se inicie a escrita do texto, observando uma ordem lógica, com a clareza e a precisão que todo texto de caráter científico requer.

¹³ Uma síntese quantitativa que inclui um método estatístico é uma metanálise (COOK, 1997).
Fonte: COOK, D. J. et al. **Ann Intern Med.** 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2018.



3.3.2 Atividade

Analise as características a seguir, relacionadas aos dois diferentes tipos de revisão da literatura mais comuns, narrativa ou sistemática, e identifique de qual tipo se trata.

- a) A seleção dos estudos utilizados pode estar sujeita à subjetividade do pesquisador.
- b) Não utiliza critérios explícitos para a busca e análise da literatura.
- c) Busca responder a uma questão claramente formulada.
- d) Utiliza metodologia explícita para recuperar, selecionar e avaliar resultados de estudos relevantes.
- e) Quando empregado um método estatístico na análise dos resultados dos estudos utilizados, é chamada de meta-análise.
- f) É constituída, basicamente, de uma análise da literatura publicada em livros e artigos de revistas, e da interpretação e crítica pessoais do autor.

Resposta comentada

- | | |
|-----------------|-----------------|
| a) Narrativa. | d) Sistemática. |
| b) Narrativa. | e) Sistemática. |
| c) Sistemática. | f) Narrativa. |

3.4 ESCOLHENDO OS AUTORES E OBRAS

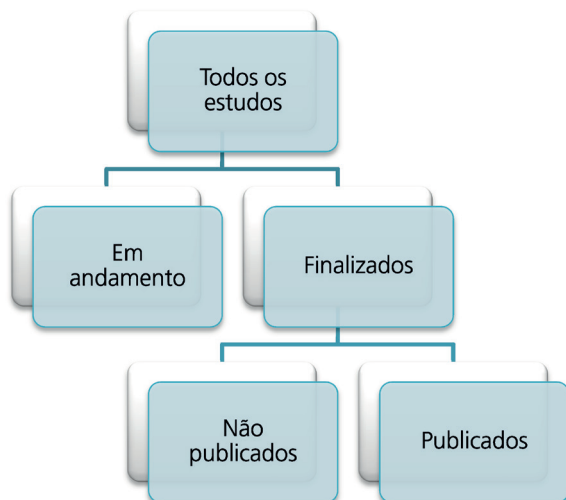
Para o processo de escolha de autores e obras que subsidiarão a revisão da literatura em um TCC, é preciso estabelecer certos critérios. Entende-se que, para essa escolha, três etapas são fundamentais: identificar as fontes, localizá-las e proceder à leitura de todo o material.

3.4.1 Identificar fontes

Um dos primeiros passos para o estabelecimento do processo de ampliação da revisão da literatura é a adequada identificação de fontes pertinentes ao tema estudado. Isso significa estabelecer procedimentos que nortearão o percurso da pesquisa, selecionando autores cujos textos permitam a comparação, a crítica ou o desmembramento e aprofundamento do assunto.

É preciso compreender que, no momento inicial da revisão da literatura, o pesquisador não descarta nenhuma das perspectivas abordadas pelos autores, mas, à medida que avança em suas leituras, aprende a ser seletivo, convergindo para o foco de sua pesquisa e para seus objetivos.

Figura 7 – Para identificar as fontes que serão utilizadas, é preciso identificar os estudos que serão considerados para o desenvolvimento do tema



Fonte: produção do próprio autor.

O pesquisador, ao fazer sua revisão de literatura, deve ficar atento para selecionar fontes tecnicamente conceituadas, de forma a dar maior credibilidade a sua pesquisa, considerando: a área de estudo do autor consultado, se o texto fez parte de alguma publicação e se foi retirado de uma revista especializada ou de um jornal de grande circulação. Em uma revisão de literatura, dá-se preferência a pesquisas científicas.

Com relação ao caráter de atualidade, é importante observar quão antiga é sua fonte de pesquisa. Com exceção dos livros e artigos clássicos, que são atemporais e contribuem sobremaneira para o desenvolvimento de um trabalho, os dados levantados pelo pesquisador, por meio de livros, revistas e artigos, devem ser relativamente atuais.

Uma boa medida para manter-se no foco dos objetivos da pesquisa é particionar o tema. Veja o exemplo extraído do catálogo de monografias do curso de graduação em Biblioteconomia e Documentação registradas na *Biblioteca Central do Gragoatá* (BCF), 2008:

TEMA DA PESQUISA: Bibliotecas Populares de Niterói: uma nova tendência de inclusão à leitura e acesso à informação por comunidades menos favorecidas.

- **Bibliotecas populares:** o que é uma biblioteca popular, qual é a evolução histórica das bibliotecas populares, pesquisas recentes sobre bibliotecas populares.
- **Niterói:** delimitação do espaço geográfico, características da cidade (econômicas, sociais, culturais), quantidade de bibliotecas públicas e particulares.
- **Inclusão à leitura:** dados gerais sobre inclusão à leitura, legislação sobre o assunto, relação entre inclusão à leitura e acesso à informação.
- **Acesso à informação:** dados gerais sobre acesso à informação, legislação sobre o assunto, pesquisas recentes sobre o assunto.
- **Comunidades menos favorecidas:** o que são comunidades menos favorecidas, como surgiram.

Ao particionar o tema, observamos que a ideia principal pode ser dividida em diversos subitens. Com esse detalhamento, o pesquisador poderá ter uma noção ampla do assunto, sem desvirtuar as intenções da pesquisa, e escolher mais objetivamente autores e obras que se adequem a seu estudo.

Outra premissa que o pesquisador deve considerar é que a revisão da literatura servirá de base para a discussão dos resultados da pesquisa. Ou seja, na revisão, deve haver uma relação expressa entre os resultados da pesquisa ora desenvolvida e sua base teórica, consolidando-se a coerência na abordagem. Nesse sentido, as semelhanças e divergências entre obras devem ser minuciosamente explicadas, entendendo-se que as contradições do tema são também fundamentais para obter-se uma visão geral sobre ele e para a construção de respostas a questões e hipóteses formuladas.

3.4.2 Localizar fontes

Um importante procedimento no delineamento da revisão da literatura é construir estratégias para localizar as fontes que servirão de fundamento da pesquisa. Sabemos que, nos dias atuais, esse procedimento é tão fácil quanto difícil. Parece um paradoxo, mas a quantidade de fontes digitais e impressas disponíveis justifica essa contradição.

A tarefa, portanto, é procurar fontes de informação diversificadas, como catálogos de bibliotecas *in loco* ou *on-line*, bancos de base de dados, por exemplo, o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) ou o Portal de Periódicos da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES), bibliotecas digitais de teses e dissertações ou, ainda, na internet em geral. Nessa perspectiva, são importantes os *sites* de busca e as bases de dados nacionais e internacionais, pois abrigam uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e estrangeiros de várias áreas do conhecimento.

Ao se utilizarem os mecanismos de busca, concorda-se com *Baptista* (2007, p. 4) sobre o fato de que se deve ter a ética como critério de pesquisa, tendo em vista a facilidade de acessar, baixar e reproduzir os mais variados documentos a partir da rede. Veja o que diz a autora:

Se a questão da reprodução indiscriminada de textos constitui há muito uma prática comum, especialmen-

te nos meios acadêmicos, o que se pode constatar, sem equívoco, é a facilidade com que essa prática se generalizou a partir de utilização da Internet, em que pese o acesso restrito a determinados documentos, a existência de bases de dados por assinatura, e portanto a exigência de senha em muitos casos.

Por outro lado, muitos dos textos que são colocados diretamente na rede, e na íntegra, incluem cláusula de permissão de reprodução, desde que citada a fonte. Há também a situação um tanto paradoxal do texto que, embora acessado diretamente na rede, contém proibição de cópia sem o consentimento expresso do autor, independentemente da citação completa da fonte (BAPTISTA, 2007, p. 4).

Portanto, há que se dedicar especial atenção aos direitos dos autores sobre suas obras e à correta referência e indicação do uso de suas produções.

3.4.3 Leitura do material

Apesar de parecer um procedimento relativamente simples e automático para leitores competentes, a atitude de leitura requer o estabelecimento de objetivos e critérios para o aproveitamento geral do tempo investido e a obtenção dos fundamentos desejados.

Nesse ponto, utilizamos alguns indicativos de Gil (2014, p. 74), que afirma que:

A leitura que se faz na pesquisa bibliográfica deve servir aos seguintes objetivos:

- a) identificar as informações e os dados constantes do material;
- b) estabelecer relações entre as informações e os dados obtidos com o problema proposto;
- c) analisar a consistência das informações e dados apresentados pelos autores (GIL, 2014, p. 74).

Para tanto, como regra geral, é importante que o pesquisador, ao promover a leitura do material, já de início aproprie-se do texto, buscando unidades de leitura que tenham unidade de sentido, como capítulos ou seções.

Nessa perspectiva, muitos autores identificam, no processo de leitura, algumas fases significativas para a apropriação das mensagens produzidas em textos científicos, cuja estrutura difere-se da de textos literários, exigindo, por isso, um raciocínio dedutivo, uma razão reflexiva.

Quadro 6 – Fases da leitura

FASES DA LEITURA	
Fases da leitura de textos	– Exploratória – Seletiva – Analítica – Interpretativa

Fonte: produção do próprio autor.



Observe-se que uma primeira fase da leitura de textos científicos pode ser chamada de **exploratória**. Isso significa que o contato com a obra deve contemplar a verificação dos itens contidos no sumário, nas informações da contracapa, no prefácio, na introdução.

Seguindo ainda as distinções recomendadas por Gil (2014, p. 75), sugere-se uma leitura **seletiva** na sequência, fase em que já foram selecionados os textos que serão utilizados. Nela, procede-se à leitura das partes de uma obra que de fato estão relacionadas ao estudo.

A fase seguinte pressupõe uma leitura denominada **analítica**, cuja finalidade é promover um resumo das ideias contidas na fonte selecionada, considerando sua importância para o estudo, com identificação das ideias principais do texto.

Por fim, registra-se a fase da leitura **interpretativa**, que, segundo o autor citado, procura estabelecer a relação do conteúdo com outros conhecimentos, conferindo um alcance maior do que o da leitura analítica.

Para registro de todas as informações obtidas com a leitura do material selecionado pelo pesquisador, recomenda-se o uso do recurso do fichamento, a que nos dedicaremos a seguir.



3.4.4 Atividade

Ao selecionar as fontes que serão utilizadas em seu referencial teórico, quais características você apontaria como mais importantes no material que será escolhido?

Resposta comentada

Ao selecionar as fontes que serão utilizadas em seu estudo, o pesquisador deve atentar-se, entre vários critérios, para os seguintes: utilizar fontes tecnicamente conceituadas e, de preferência, que sejam pesquisas científicas. Com exceção dos livros e artigos clássicos, as fontes devem ser relativamente atuais. Por fim, é importante que a base teórica selecionada possibilite a discussão dos resultados da pesquisa.



3.4.5 Atividade

Que estratégias você escolheria para localizar as fontes de revisão da literatura do seu TCC?

Resposta comentada

Existem diversas ferramentas que você poderá utilizar. Entre as principais estão: os catálogos de bibliotecas (*in loco* ou *on-line*), os bancos de base de dados (por exemplo, SciELO ou Portal de Periódicos da CAPES), as bibliotecas digitais de teses e dissertações, a internet etc.

3.5 REGISTRANDO AS LEITURAS: NORMAS DE FICHAMENTO

Em um TCC, é comum a utilização de muitos livros e materiais como fontes de consulta. A organização de todas essas informações é fundamental para a etapa de escrita de seu trabalho. Um procedimento costumeiro é o processo de fichamento das leituras realizadas.

Figura 8 – Um empreendimento tão importante como escrever um TCC precisa de um bom planejamento. Organizar as fontes de consulta é um dos passos iniciais mais fundamentais



Fonte: produção do próprio autor.

Semestre

7

O fichamento consiste em registrar as ideias principais de cada autor que está sendo estudado, com informações relevantes do texto lido, o que facilita as consultas posteriores.

Para *Lakatos e Marconi* (2012, p. 48), o fichamento permite a ordenação do assunto estudado, possibilitando “uma seleção constante da documentação e de seu ordenamento”. Sem dúvida, isso promove o desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Considerando a importância do material consultado, logo após a leitura de cada obra, deve-se elaborar um processo sistemático de registro das informações significativas. Não são poucos os modelos que encontramos como sugestão para fichamentos. Caberá ao pesquisador escolher aquele que melhor se ajusta a sua pesquisa e organização pessoal. Alguns elementos, entretanto, são indispensáveis em qualquer dos modelos que venhamos a escolher.

3.5.1 Elementos indispensáveis em um fichamento

Apesar da variedade de modelos possíveis de fichamentos, algumas partes são indispensáveis e estarão sempre presentes. Sendo assim, regra geral, constituem-se como partes de um fichamento:

- a) a indicação bibliográfica;
- b) o resumo;
- c) a citação.

A partir dessa indicação, é possível criar um modelo próprio de fichamento. Alguns autores elegem categorias para ele, como *Gil* (2014) e *Marconi e Lakatos* (2003), classificando-as sob várias denominações.

Para esses autores, as fichas bibliográficas podem ser utilizadas para anotar as referências bibliográficas, para apresentar um sumário e a apreciação crítica de uma obra, bem como para anotar ideias obtidas a partir da leitura de um determinado texto. Veja os modelos sugeridos:

Modelo de fichamento 1

MILANESE, L. A. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002. 12 p.

Temas:

Biblioteconomia Contemporânea. Biblioteca: características. Biblioteca: perspectivas.

Uma nova perspectiva para a Biblioteconomia. Publicado inicialmente em 1983 com o título *O que é biblioteca*, cujas reflexões causaram a polêmica sobre o destino das bibliotecas no século XXI. As diretrizes reveladas na primeira edição já foram superadas.

Fonte: *Gil* (2014, p. 76). Modelo de fichamento adaptado.

Modelo de fichamento 2

FARIAS, G. B. de; BELLUZZO, R. C. B. **Como desenvolver a competência em informação mediada por modelagem conceitual teórico-prática:** por uma aprendizagem significativa e criativa na educação. Londrina: ABECIN Editora, 2015. 173 p. (Coleção Estudos ABECIN; 01). Disponível em: <http://abecin.org.br/data/documents/Ebook_Farias_Belluzzo.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2017.

“O desenvolvimento de competência por meio de ensino é motivado por três fatores relacionados às mudanças na própria estrutura dos conteúdos ministrados na universidade. Em segundo lugar, está a pressão social sobre a necessidade de funcionalidade das aprendizagens, forçando a introdução das competências.” (FARIAS; BELLUZZO, 2015, p. 36).

Fonte: Gil (2014, p. 76). Modelo de fichamento adaptado.

Marconi e Lakatos apontam outras categorias, que se aproximam de modelos indicados também por Gil (2014). Veja a seguir:

Modelo de fichamento 3

FUJITA, M. S. L. et al. (org.). **A indexação de livros:** a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais. São Paulo: Editora Unesp; Cultura Acadêmica, 2009. 149 p. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/wcvbc/pdf/bocato-9788579830150.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

Da obra:

“A importância da conversão retrospectiva de registros bibliográficos e da catalogação cooperativa é notória, pois agilizaram a mudança dos catálogos locais para servidores remotos acessíveis *on-line* e revolucionaram a transformação dos catálogos, mas é necessário pensar, em contrapartida, nos efeitos que essas soluções causaram no processo de indexação na catalogação e, em consequência, na recuperação por assuntos.” (FUJITA et al., 2009, p. 13).

Nas obras:

MILSTEAD, J. L. Indexing for subject cataloguers. **Cataloging & Classification Quarterly**, Nova Iorque, v. 3, n. 4, p. 37-44, 1983.

SAUPERL, A. **Subject determination during the cataloging process**. Lanham: Scarecrow Press, 2002.

Fonte: Marconi e Lakatos (2003, p. 61). Modelo de fichamento adaptado.

Outras estruturas sugeridas pelos autores demonstram que as fichas devem agregar as ideias relevantes do assunto ou da área de estudo. Recomenda-se, nesse caso, que esse tipo de fichamento seja desenvolvido em tópicos com subtítulos. Nele constam transcrições literais de partes do texto original, entendendo-se que isso a torna uma ficha mais extensa, apesar de requerer síntese do leitor. Nesse sentido, é mais detalhada e exige indicação de páginas.



Modelo de fichamento 4

VIEIRA, R. **Introdução à teoria geral da Biblioteconomia**. SP: Inter-ciência, 2014. 307 p.

O conteúdo deste livro contempla não apenas os temas de caráter técnico, mas também aqueles que tratam de questões humanísticas da profissão, como competências profissionais exigidas no exercício da profissão. A apresentação dos assuntos de forma simples, organizada e abrangente certamente atenderá às necessidades informacionais de consulta rápida, como uma **obra de referência**, para os futuros e novos profissionais da informação, tendo por base uma vasta e respeitada bibliografia. Esta obra de Ronaldo Vieira é o que podemos classificar como um agradável e competente voo panorâmico sobre a biblioteconomia.

Fonte: Marconi e Lakatos (2003, p. 61). Modelo de fichamento adaptado.

O modelo a seguir apresenta uma síntese bem clara e concisa das ideias principais do autor ou um resumo dos aspectos essenciais da obra. É recomendado que nesse tipo de fichamento haja essa exposição abreviada das ideias do autor e um breve texto com as palavras do próprio leitor, que revele a essência da obra lida.

Modelo de fichamento 5

CAMPELLO, B. **Introdução às fontes de informação**. São Paulo: Autêntica, 2005. 184 p.

O objetivo deste livro é privilegiar as fontes que tratam da informação organizada. Os autores abordam a origem e a evolução da internet, dos jornais, dicionários e fontes biográficas, entre outros. Além disso, a obra traz a descrição das características de cada uma dessas fontes informacionais e, quando possível, mostra as diversas formas nas quais essa fonte se apresenta, bem como seus principais produtores.

Fonte: Marconi e Lakatos (2003, p. 67). Modelo de fichamento adaptado.

O modelo a seguir estrutura-se como uma alternativa que, segundo as autoras citadas (2003, p. 59), consiste na explicitação ou interpretação crítica e pessoal das ideias expressas pelo autor de determinada obra, ao longo de seu trabalho ou parte dele. Esse tipo de fichamento pode apresentar:

- a) comentário sobre a forma como o autor desenvolve seu trabalho, no que se refere aos aspectos metodológicos;
- b) análise crítica do conteúdo, tomando como referencial a própria obra;
- c) interpretação de um texto obscuro para torná-lo mais claro;
- d) comparação da obra com outros trabalhos sobre o mesmo tema;
- e) explicitação da importância da obra para o estudo em pauta.

Modelo de fichamento 6

MIRANDA, A. **Ciência da Informação**: teoria e metodologia de uma área em expansão. Brasília: Thesaurus, 2003. 212 p.

O livro apresenta uma seleção de artigos, conferências e ensaios, alguns publicados em revistas e anais de eventos internacionais. Há trabalhos inéditos, todos voltados para as mudanças nos estudos teóricos e metodológicos da Ciência da Informação, área em expansão e de interesse para diversos campos do conhecimento. Na primeira parte, o autor analisa problemas culturais, políticos e econômicos da informatização no Brasil e os novos desafios mundiais diante do paradigma da sociedade da informação. A Ciência da Informação é revista na segunda parte do livro, numa síntese sobre os temas de pesquisa atuais com ênfase no método indutivo e comparado. Na terceira e última parte, paradigmas e metodologias da Ciência da Informação são vistos sob um novo enfoque: o da metametodologia. A conceituação de documento fecha o livro, com uma análise simples e precisa sobre o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento.

Fonte: Marconi e Lakatos (2003, p. 65). Modelo de fichamento adaptado.

3.6 ESCREVENDO O TEXTO DO TCC: CLAREZA E PRECISÃO

Considerando o percurso realizado, dispomos de material suficiente para começar a pensar na redação do TCC propriamente dito. Obviamente, de forma concomitante ao processo descrito até o momento, realizaremos o que foi previsto na metodologia do trabalho, observando nossas escolhas acerca dos instrumentos da pesquisa. Nesse sentido, aplicaremos entrevistas, questionários, testes, formulários ou outros formatos de coleta de dados, conforme o caso, e levantaremos aqueles que possam comprovar nossas hipóteses.

Nessa fase do trabalho, devemos retomar também o que já registramos no plano de ação para o TCC, que se sustenta no planejamento dos itens que comporão seu núcleo, como já dissemos. O que se busca é uma ordenação para a construção lógica do trabalho. A redação do texto consiste, enfim, na expressão literária do raciocínio desenvolvido nele. Com base no plano definitivo e mediante o confronto das fichas de documentação, passa-se a redigi-lo (GIL, 2014, p. 77).

Pensamos, como Santos (2006, p. 79), que os passos anteriores produziram para o pesquisador um plano de trabalho possível de ser desenvolvido. Ele agora sabe “o que vai raciocinar” (objetivos); sabe também “como conseguir dados/informações” (procedimentos de coleta) e “do que precisa (pessoas e/ou objetos) para conseguir dados/informações” (recursos).



Figura 9 – Escrita do texto



Fonte: Pixabay.¹⁴

Alguns cuidados são primordiais para o sucesso de uma escrita consistente que viabilize uma leitura de lógica compreensão. Os parágrafos devem estar com as ideias organizadas sempre do geral para o específico, considerando que o pesquisador, em especial, no momento de leitura e fichamento das obras a que teve acesso, recolhe dados, detalhes, fatos, frases, parágrafos inteiros, ideias surgidas ao acaso, que compõem um conjunto de anotações as quais, no momento da escrita, devem ser usadas para enriquecer seu texto.

Sendo assim, adotamos as recomendações que Santos (2006, p. 105) indica, observando a importância da seleção e organização das informações, da redação inicial provisória do texto científico, da utilização de citações e notas explicativas, da correção do texto e da redação definitiva, bem como dos estilos e propriedades da redação técnica.

a) **Seleção e organização das informações**

Sabemos que, neste percurso que iniciamos, já anotamos e pensamos em muitas situações pertinentes ao tema estudado. Muitas dessas ideias, inclusive, já estão resumidas nas fichas que preparamos, quando analisamos e construímos a crítica. É hora, então, de distribuí-las de forma hierarquizada, agrupando-as em blocos que poderão constituir-se em títulos e subtítulos. Todas devem ser concernentes aos objetivos traçados, conforme já apontamos em nosso plano de ação.

b) **Redação inicial e provisória do texto científico**

É importante considerar que todo parágrafo é composto pelo núcleo da ideia principal e por ideias secundárias. As ideias secundárias exemplificam, explicam e detalham a principal. Em conjunto, elas obtêm sentido e se organizam em cada parágrafo produzido.

c) **Utilização de citações e notas explicativas no texto**

A utilização de citações é indispensável em um texto científico. Isso se deve à necessidade de referenciar nossas afirmações em autores cujas ideias são já reconhecidas pela comunidade científica. Entretanto, deve-se ter o cuidado de não exagerar, evitando transformar o texto no que se costuma chamar de colcha de retalhos. Dessa forma, evite

¹⁴ PIXABAY. Geralt. Disponível em: <<http://bit.ly/2yWCo95>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

iniciar e finalizar um texto com uma citação, sem que ela seja seguida por uma anotação ou comentário pessoal sobre o assunto.

As notas explicativas são explicações complementares oferecidas, que, para não quebrarem a sequência dos argumentos, devem vir em notas de rodapé.

d) **Correção do texto e redação definitiva**

O texto até agora produzido, como dissemos, deve ser considerado provisório, posto que uma detalhada revisão sempre deve ser realizada.

Santos (2006, p. 110-111) recomenda duas ações, por ele denominadas de vertical e horizontal. A correção vertical visa verificar a sequência lógica dos parágrafos, considerando a hierarquização das ideias. Sendo assim, a ideia principal de um parágrafo deve vir no início, seguida das ideias secundárias. Não é comum, mas a principal poderá vir ao final do parágrafo também.

Já a correção horizontal visa verificar as condições morfológicas e sintáticas do texto. Isso significa observar o uso adequado de expressões e a norma culta da língua, considerando os deslizos comuns em seu uso.

e) **Estilos e propriedades da redação técnica**

Embora cada pessoa tenha um estilo próprio de escrita, é importante atentar para certas qualidades básicas de um texto de formato acadêmico. Nessa perspectiva, Gil (2002, 2014) e Santos (2006) apontam como essenciais os fatores impessoalidade, objetividade, clareza, precisão, coerência, concisão e simplicidade, considerando que o pesquisador assume uma responsabilidade pública com a realização de sua pesquisa e que seus registros serão analisados pela comunidade científica para conferir-lhe ou não legitimidade.



3.6.1 Atividade

Nesta Unidade, você aprendeu sobre os tipos de fichamento que podemos utilizar no decorrer da construção de uma pesquisa.

Após relembra-los, escolha um texto para fichá-lo, seguindo o modelo que desejar.



Resposta comentada

Esta atividade não possui uma resposta única, já que você poderá escolher qualquer artigo e uma entre tantas possíveis formas de fichamento. Mas não se esqueça de, ao terminá-la, conferir seu fichamento em relação ao modelo escolhido, dentre os oferecidos na Unidade.



3.6.2 Atividade

Leia atentamente as definições a seguir e identifique a que fase da leitura elas se referem.

- a) Leitura com o objetivo de resumir as ideias apresentadas nas obras selecionadas. Identificam-se as ideias principais da obra e leva-se em consideração a importância delas para o estudo.
- b) Os textos já foram selecionados e é realizada uma leitura das partes que têm relação com o estudo.
- c) Relaciona o conteúdo da obra com outros conhecimentos adquiridos ou desenvolvidos a partir do estudo.
- d) O contato com a obra contempla a verificação de itens contidos no sumário, na contracapa, no prefácio e na introdução.

Resposta comentada

- a) Analítica.
- b) Seletiva.
- c) Interpretativa.
- d) Exploratória.

3.7 CONCLUSÃO

Nesta Unidade, procuramos compreender os tipos de revisão da literatura e sua importância no contexto geral de uma produção acadêmica.

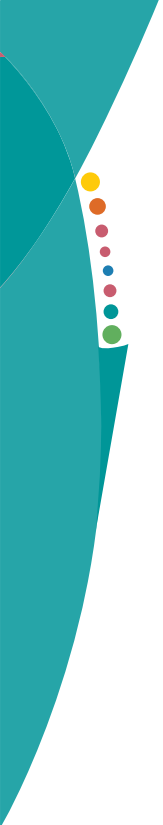
Observamos que os processos de identificar e localizar fontes de leitura e registros do material consultado exigem o estabelecimento de procedimentos sistemáticos, para os quais pode ser utilizado o interessante recurso do fichamento em suas diversas formas.

Por fim, verificamos que a revisão da literatura oferecerá elementos para uma construção adequada do trabalho acadêmico, considerando a necessária atenção à clareza e à precisão que o texto produzido requer.

RESUMO

- a) A revisão da literatura caracteriza-se pela análise e pela síntese da informação disponibilizada por todos os estudos relevantes publicados sobre um determinado tema;
- b) existem dois tipos de revisão da literatura: narrativa e sistemática;
- c) a revisão narrativa se faz pela análise de obras e artigos publicados, ou seja, é o levantamento do estado da arte de um determinado assunto e não oferece respostas quantitativas para situações específicas;
- d) a revisão sistemática é planejada e orientada a responder uma questão elaborada, utilizando uma metodologia estabelecida, coletando e analisando dados para compor o estudo;
- e) são descritas três etapas para escolha dos autores e obras que subsidiarão a revisão da literatura utilizada em um TCC: identificar as fontes, localizá-las e realizar a leitura do material;
- f) para estabelecer o processo de revisão da literatura, é necessário identificar as fontes pertinentes ao tema que será estudado, selecionando autores cujos textos permitam a comparação, a crítica ou o desmembramento e aprofundamento do assunto;
- g) uma boa maneira de não se dispersar nos objetivos da pesquisa é particionar o tema, pois isso permite subdividir a ideia principal e, conseqüentemente, a escolha mais objetiva de autores e obras;
- h) a leitura, na revisão da literatura, deve buscar identificar as informações e os dados que constam no material, relacioná-los ao problema proposto e avaliar se há consistência nas informações e dados apresentados pelos autores;
- i) o processo de leitura, durante a revisão da literatura, apresenta algumas fases significativas para a apropriação das mensagens produzidas por textos científicos, que o diferenciam da leitura de





um texto literário. São as fases exploratória, seletiva, analítica e interpretativa;

- j) logo após a leitura de cada obra, deve-se elaborar um processo sistemático de registro das informações significativas, que chamamos de fichamento. Trata-se do registro das ideias principais de cada autor que está sendo estudado, com informações relevantes do texto lido, facilitando consultas posteriores;
- k) existem diversos modelos de fichamento, no entanto, três partes estão sempre presentes: indicação bibliográfica, resumo e citação;
- l) para uma construção lógica do texto que será desenvolvido no TCC, é importante cuidar da seleção e organização das informações; desenvolver uma redação inicial, que será provisória, do texto científico; lembrar de referenciar os autores que embasam o estudo a partir de citações e notas explicativas; realizar uma correção ao final do trabalho para desenvolver a redação definitiva; e levar em consideração, no desenvolvimento do texto, a despeito de estilos próprios de escrita, elementos como: impessoalidade, objetividade, clareza, precisão, coerência, concisão e simplicidade.

UNIDADE 4

TRATAMENTO DOS DADOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar estratégias de coleta e análise da consistência dos dados, realizando triagem dos itens relevantes para a pesquisa.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

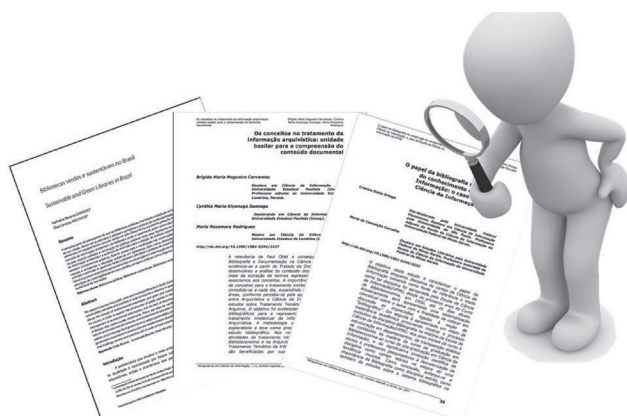
Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) relacionar os dados coletados com as categorias examinadas;
 - b) buscar no aporte teórico os elementos para a compreensão do que os dados apontam sobre o objeto da pesquisa;
 - c) organizar e categorizar os dados, observando um comportamento científico e ético.
-

4.3 HORA DE DEFINIR O PERCURSO

Todo o trabalho de levantamento de dados para um TCC deve ser tratado com rigor científico. Isso significa que esse trabalho deve ser fruto de observação sistemática, constituída pela aplicação de métodos e técnicas de pesquisa, e que os dados coletados serão analisados com base nas teorias relatadas no aporte teórico escolhido.

Figura 10 – A coleta e a análise dos dados devem ser tratadas com rigor científico, pois serão elas que alimentarão a pesquisa sobre o tema escolhido



Fonte: Pixabay.¹⁵

Embora os assuntos a seguir já tenham sido tratados em outras disciplinas do curso, nesta Unidade esses conhecimentos serão resgatados, tendo em vista o lugar de cada um deles na organização de seu texto científico, o que contribuirá para a produção final do TCC.

Considerando que o processo de pesquisa é uma construção sistemática, todas as fases do TCC devem apresentar planejamentos adequados. No caso da fase da coleta e tratamento de dados, não é diferente, posto que estamos em busca de respostas aos objetivos específicos preestabelecidos.

Para tanto, é preciso que o pesquisador tenha clareza dos meios que serão utilizados, estabelecendo a metodologia empregada, definindo os caminhos e as formas do estudo.

Sendo assim, a metodologia contida no TCC deve garantir a informação sobre a abordagem do problema (se quantitativa ou qualitativa), sobre os procedimentos técnicos que referenciam o trabalho (se se trata de uma pesquisa bibliográfica, documental, de levantamento, de estudo de caso, de pesquisa-ação, experimental, entre outras formas) e sobre os instrumentos de pesquisa utilizados (entrevistas, questionários, documentos, observação, entre outros). O conjunto dessas informações vai, enfim, definir o adequado percurso do processo de pesquisa.

¹⁵ PIXABAY. 3dman_eu. Disponível em: <<http://bit.ly/2h0lhLn>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

4.4 PROCEDENDO À COLETA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Relembre que a coleta de dados para a pesquisa envolve diversos meios, ações e recursos. Nessa perspectiva, uma pesquisa vai demandar um conhecimento mínimo da realidade a ser analisada e também de métodos a serem utilizados para escolhas e análises mais precisas.

É aqui que entra o trabalho de campo, que permite a aproximação do pesquisador em relação à realidade investigada, sobre a qual já levantou suas hipóteses.

O termo dados refere-se a todas as informações a que o pesquisador tem acesso para desenvolver seu estudo. Eles tanto podem ser criados pelos pesquisadores quanto podem estar disponíveis no campo da pesquisa. No primeiro caso, podemos falar das transcrições das entrevistas ou das notas produzidas no processo, por exemplo; já no segundo, falamos daqueles dados que foram produzidos por outros ou obtidos como resultado de análises a eles pertinentes.

Quanto aos métodos para obtenção desses dados, é preciso considerar que não há um melhor que outro, podendo eles, inclusive, ser complementares. Segundo *Marconi e Lakatos* (2003, p. 165), o método se constitui na aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de efetuar a coleta dos dados necessários.

Se, para a coleta de dados, é necessário escolher um ou mais tipos de instrumentos disponíveis, vamos então verificar os mais reconhecidos e mais frequentemente utilizados, e como eles podem ser caracterizados. Aqui, damos breve enfoque ao levantamento bibliográfico, à observação, à entrevista e ao questionário, verificados de forma superficial, considerando o tratamento mais aprofundado já oferecido, em outro momento, sobre esses instrumentos de pesquisa.

Figura 11 – Entrevista, levantamento bibliográfico, questionário e observação são algumas das ferramentas utilizadas para a coleta de dados em uma pesquisa para um TCC



Fonte: Pixabay¹⁶; Flickr¹⁷.

4.4.1 Levantamento bibliográfico

Como sabemos, ao iniciar o desenvolvimento do TCC, é fundamental realizar o levantamento bibliográfico, que se refere a identificar documentos, fontes de informação, bancos e bases de dados, diretórios, *sites* e outros recursos, podendo classificar as fontes como primárias e secundárias, conforme já visto na disciplina *Fontes da Informação I*.

Grosso modo, podemos dizer que uma fonte primária é uma primeira aproximação em relação às informações de um tema. Esse tipo de fonte se caracteriza por não apresentar, ainda, conclusões com fundamento em uma fonte restrita ou sob a perspectiva de um autor. Quanto à fonte secundária, podemos dizer que ela representa conclusões fundamentadas em uma fonte primária.

Marconi e Lakatos (2003, p. 174) apresentam um quadro bem expressivo de exemplos dessas fontes, que pode auxiliar na compreensão de seu uso nos contextos de pesquisa.

¹⁶ PIXABAY. Clier-Free-Vector-Images. Disponível em: <<http://bit.ly/2z08vCr>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

PIXABAY. Geralt. Disponível em: <<http://bit.ly/2zUFyXV>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

PIXABAY. Geralt. Disponível em: <<http://bit.ly/2z6AUsp>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

PIXABAY. 472301. Disponível em: <<http://bit.ly/2z7JhDZ>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

¹⁷ FLICKR. Abhi Sharma. Disponível em: <<http://bit.ly/1BIHix0>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Quadro 7 – Levantamento bibliográfico

	ESCRITOS		OUTROS	
	PRIMÁRIOS	SECUNDÁRIOS	PRIMÁRIOS	SECUNDÁRIOS
CONTEMPORÂNEOS	Compilados na ocasião pelo autor	Transcritos de fontes primárias contemporâneas	Feitos pelo autor	Feitos por outros
	Exemplos Documentos de arquivos públicos Publicações parlamentares e administrativas Estatísticas (censos) Documentos de arquivos privados Cartas Contratos	Exemplos Relatórios de pesquisa baseados em trabalho de campo de auxiliares Estudo histórico recorrendo aos documentos originais Pesquisa estatística baseada em dados do recenseamento Pesquisa usando a correspondência de outras pessoas	Exemplos Fotografias Gravações em fita magnética Filmes Gráficos Mapas Outras ilustrações	Exemplos Material cartográfico Filmes comerciais Rádio Cinema Televisão
RETROSPECTIVOS	Compilados após o acontecimento pelo autor	Transcritos de fontes primárias retrospectivas	Analisados pelo autor	Feitos por outros
	Exemplos Diários Autobiografias Relatos de visitas a instituições Relatos de viagens	Exemplos Pesquisa recorrendo a diários ou autobiografias	Exemplos Objetos Gravuras Pinturas Desenhos Fotografias Canções Folclóricas Vestuário Folclore	Exemplos Filmes comerciais Rádio Cinema Televisão

Fonte: Marconi e Lakatos (2003, p. 175).

4.4.2 Observação

Embora a observação seja um procedimento que acompanha todo o processo de pesquisa, é na fase de coleta de dados que ela se apresenta de forma mais evidente.

De acordo com Gil (2014, p. 100), a observação nada mais é do que o uso dos sentidos com vista a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. Para alguns autores, por estar presente em outras fases da pesquisa, ela chega a ser considerada um método de investigação e pode se apresentar sob várias formas.

Veja como Ander-Egg (1978, p. 96 apud MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 192) organiza a observação no processo de pesquisa para a coleta de dados:

Na investigação científica são empregadas várias modalidades de observação, que variam de acordo com as circunstâncias. Ander-Egg (1978, p. 96) apresenta quatro tipos:

- Segundo os meios utilizados:
 - Observação não estruturada (Assistemática).
 - Observação estruturada (Sistemática).
- Segundo a participação do observador:
 - Observação não participante.
 - Observação participante.
- Segundo o número de observações:
 - Observação individual.
 - Observação em equipe.
- Segundo o lugar onde se realiza:
 - Observação efetuada na vida real (trabalho de campo).
 - Observação efetuada em laboratório.

Alguns autores resumem essa classificação em apenas três categorias, reunindo-as, como faz *Gil* (2003), em observação simples, participante e sistemática. Cada um desses tipos de observação apresenta vantagens e desvantagens que devem ser cuidadosamente avaliadas pelo pesquisador.

Na observação simples, o pesquisador observa o que pretende investigar, sem envolver-se com a situação investigada. Ela é espontânea e informal, permite a construção de novas hipóteses e é mais adequada a estudos qualitativos. Nesse caso, sem desejar estabelecer regras fixas, é comum que sejam observados os sujeitos, o cenário ou o comportamento social, dependendo do objeto pesquisado ou dos objetivos da pesquisa. A categoria observação simples apresenta, entretanto, algumas limitações, pois sua espontaneidade pode gerar interpretações parciais do objeto investigado, já que não inclui um formato sistemático, estando suscetível à interferência de considerações subjetivas por parte do pesquisador.

Na observação participante, ao contrário da simples, o pesquisador participa dos acontecimentos, tornando-se parte de uma situação determinada. Ela surge como contribuição dos estudos em antropologia e pode assumir uma condição natural, quando o pesquisador pertence ao grupo estudado, ou artificial, quando ele se integra a esse grupo. A observação participante permite um acesso mais rápido aos dados necessários à investigação e àqueles de ordem privada do grupo estudado. Em contrapartida, o papel assumido pelo pesquisador pode gerar desconfiança e impedir-lhe o acesso a informações mais restritas ao grupo.

Por sua vez, na observação sistemática, o processo de observação se desenvolve a partir de um plano previamente estabelecido. O nível de controle nessas circunstâncias é significativo e pode seguir alguns modelos, constituídos por diferentes elementos já definidos pelo pesquisador para a obtenção dos dados. É importante que, nesse tipo de observação, o pesquisador escolha de antemão o instrumento a ser utilizado para registro dos dados a serem coletados, e que esses registros estejam categorizados e possam facilitar a identificação de fatores que venham a interferir nas conclusões do estudo.

Cabe ressaltar que a pesquisa orientada pelos dados obtidos a partir do processo de observação pode levar a alguns equívocos no momento de sua análise e interpretação. Nesse sentido, apesar de passado o tempo, as palavras de *André* (1992, p. 31) ainda soam como um alerta ao pesquisador que decide utilizar a observação como método de investigação. Para a autora:

O que se verifica, no entanto, é que a grande maioria envolve dados de campo, sistematizados em forma de descrições que acrescentam muito pouco ao que se sabe ou conhece ao nível do senso comum. É a empiria pela empiria. O autor parece satisfazer-se com o fato de coletar uma grande quantidade de dados e parece “esperar” que esses dados por si produzam alguma teoria. Mas é evidente que sem um referencial de apoio que oriente o processo de reconstrução desses dados não há avanço teórico – fica-se na constatação do óbvio, na mesmice, na reprodução do senso comum (ANDRÉ, 1992, p. 31).

Considerados os cuidados necessários, verificamos que o nível de estruturação e de participação do pesquisador no processo de observação tende a variar conforme o objetivo do levantamento. Cabe, então, a ele

ter clareza do que será observado, de como irá registrar essas observações (utilizando-se do diário de campo, por exemplo), de que tipo de relações estabelecerá com aquilo que será observado e de como irá conferir fidedignidade a sua observação.

4.4.3 Entrevista

Concebida como uma técnica em pesquisa, a entrevista é uma forma de interação social. Nesse processo, o pesquisador formula questões a fim de obter do entrevistado os dados necessários para responder a suas hipóteses, para traçar um diagnóstico da situação ou, ainda, para orientar o caminho da pesquisa.

Regra geral, a entrevista é a técnica que obtém, de uma determinada população, suas impressões, o senso comum e a representação do assunto pesquisado no contexto dessa população, adquirindo, dessa forma, uma condição bem flexível e adaptável, conforme sua aceitação.

Gil (2014, p. 110) identifica algumas vantagens e limitações no uso da entrevista como técnica de pesquisa e coleta de dados que consideramos útil ao pesquisador avaliar antes de proceder à entrevista.

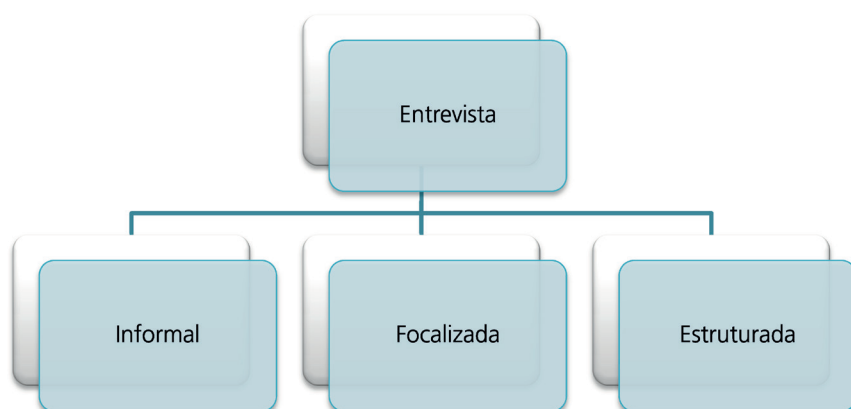
Quadro 8 – Coleta de dados: entrevista

VANTAGENS	LIMITAÇÕES
A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social.	A falta de motivação do entrevistado para responder às perguntas que lhe são feitas.
A entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano.	A inadequada compreensão do significado das perguntas.
Os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação.	O fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes.
A entrevista não exige que a pessoa saiba ler e escrever.	Inabilidade ou mesmo incapacidade do entrevistado para responder adequadamente, em decorrência de insuficiência vocabular ou de problemas psicológicos.
A entrevista possibilita maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado.	A influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado.
A entrevista oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista.	A influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado.
A entrevista possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas.	Os custos com o treinamento de pessoal e a aplicação das entrevistas.

Fonte: Gil (2014, p. 110).

Uma diversidade de tipos e categorizações da entrevista é apontada pelos autores da área, indicando que os conceitos dessa técnica devem ser aprofundados se o pesquisador desejar especificar a abordagem do assunto tratado com um entrevistado. Aqui escolhemos algumas modalidades, dentre as apontadas por *Antonio C. Gil* (2014, p. 111), que parecem sugerir uma forma mais objetiva de elaboração e planejamento de uma entrevista durante o processo de coleta de dados para a pesquisa, devendo atender a seu propósito.

Figura 12 – Tipos de entrevistas que oferecem maior objetividade na elaboração e no planejamento de entrevistas para a coleta de dados em uma pesquisa



Fonte: produção do próprio autor.

A **entrevista informal** é mais utilizada em estudos exploratórios, pois possibilita a aproximação do pesquisador de realidades pouco conhecidas por ele, oferecendo uma visão mais ampla da questão pesquisada, com perguntas abertas em uma conversa normal.

A **entrevista focalizada**, embora, como o tipo anterior, se mantenha na condição de informalidade, procura descobrir razões e motivos sem sair do foco da questão abordada. Esse tipo de entrevista requer habilidade do pesquisador, que terá liberdade para proceder às perguntas que achar necessárias.

Já a **entrevista estruturada** segue um roteiro determinado com a intenção de que todos os entrevistados respondam sempre as mesmas perguntas, permitindo comparações e análises estatísticas dos dados coletados. Esse tipo de entrevista segue uma ordem determinada, não sendo inseridas outras perguntas no momento da entrevista.

É válido destacar que a entrevista pode ser realizada em grupo ou individualmente. Em grupo, ela adquire caráter exploratório e permite melhor compreensão do problema. Nesse caso, o pesquisador atuará como mediador, apresentando objetivos e regras de participação.



Explicativo

Entrevistas também podem ser realizadas em grupo, caracterizando a técnica conhecida como *focus group*. Sua origem encontra-se nos trabalhos desenvolvidos pelo sociólogo *Robert K. Merton* durante a Segunda Guerra Mundial com a finalidade de estudar o moral dos militares (MERTON; KENDALL, 1946). Seu uso só se disseminou, no entanto, a partir da década de 1980, quando passou a ser utilizado em pesquisas mercadológicas e passou a afirmar-se como procedimento dos mais adequados para fundamentar pesquisas qualitativas em diversos campos das ciências sociais (MORGAN, 1988).

Fonte: GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 114.

Observe-se, ainda, que a difusão dos meios eletrônicos de comunicação colocou à disposição do pesquisador variados instrumentos que permitiram o contato direto com o entrevistado, ainda que não estejam face a face.

Sendo assim, a comunicação, hoje, utiliza meios que permitem a visualização do entrevistado, por meio de *softwares* para fazer chamadas de voz, de vídeo e conversa por *chats*. Esses recursos ensejam vantagens na seleção de amostras, como rapidez, acesso ao entrevistado com agendamento e segurança, entre outras, mas é preciso considerar que o contato telefônico para entrevista também pode indicar algumas limitações. Por exemplo, interrupção da entrevista pelo entrevistado, restrição a entrevistados com telefone, custos, nenhuma possibilidade de observação sobre o contexto em que a entrevista se realiza.

No planejamento de uma entrevista, devem ser levados em conta procedimentos que facilitarão a relação a ser estabelecida pelo pesquisador com o pesquisado. Sendo assim, é importante que ele prepare, inicialmente, um roteiro para sua entrevista – independentemente do tipo escolhido – que mantenha claro para ele mesmo os propósitos dela e que esteja relativamente ambientado com a diversidade humana, no que concerne a sua natureza ou ao meio cultural do entrevistado.

Dessa forma, é indispensável pensar no tempo de duração da entrevista, no local e circunstância em que ela se realizará e em como proceder caso haja recusa. Cabe também estar atento ao fato de que um contato inicial deve ser feito, preparando o entrevistado para a abordagem, e de que relações amistosas devem ser empreendidas.

No ato da entrevista, é importante que o entrevistador estimule o entrevistado a oferecer respostas completas, com neutralidade, sem sugerir-las, e procurando manter o foco da pesquisa. Além disso, as perguntas devem ser elaboradas com cuidado em relação a questões que possam trazer constrangimentos, procurando, em cada uma delas, incluir expressões que garantam trato social adequado.

É preciso lembrar, ainda, que as respostas serão reproduzidas, portanto, alguma forma de registro será necessária. Como anotações no decorrer da entrevista correm o risco de imprecisão ou distorção, é muito

utilizada a gravação. Esse recurso, no entanto, requer consentimento do entrevistado, que deve estar registrado na própria gravação. Tanto o procedimento de anotação como o de gravação para registro da entrevista devem deixar o entrevistado livre em suas respostas, mantendo-se o pesquisador atento quanto ao fato.

Nesse ponto, é importante que o estudante tome conhecimento do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE), cuja finalidade é informar e esclarecer o participante sobre os fatos da pesquisa, de forma que ele possa decidir sem constrangimentos. A apresentação do Termo é uma proteção legal para pesquisador e pesquisado. O texto desse documento deve ser claro e preciso, sem que sejam a ele aplicados estilos de escrita próprios da linguagem científica. Deve ser apresentado em duas vias, entregando-se uma das cópias ao participante.

Constituem elementos indispensáveis ao TCLE:

- a) título da pesquisa;
- b) identificação da instituição em que ela é realizada;
- c) objetivos;
- d) metodologia, apresentada de forma clara e concisa, sobretudo ressaltando a forma de participação do sujeito;
- e) nota informando que a participação é voluntária;
- f) nota informando que o sujeito pode se retirar da pesquisa a qualquer momento e sem qualquer tipo de prejuízo a sua pessoa;
- g) informações claras sobre os riscos e benefícios da participação (ressalte-se que não há pesquisas envolvendo seres humanos com risco zero);
- h) identificação do pesquisador (com endereço institucional e telefone convencional);
- i) campo para consentimento, após lidas todas as informações, e campo para assinatura, em que o sujeito declara estar ciente e de acordo com a pesquisa;
- j) menção sobre o fato de que o TCLE é emitido em duas vias, assinadas pelo sujeito e pelo pesquisador;
- k) endereço da universidade com telefone.

Apesar de não haver uma única forma para o TCLE, pois ele irá variar conforme a pesquisa, os elementos anteriormente descritos são imprescindíveis para o documento ter validade. Consulte sua instituição sobre o modelo adotado nela.

4.4.4 Questionário

Diferentemente da entrevista, o questionário constitui-se em uma série de perguntas, devidamente ordenadas, que devem ser respondidas com ou sem a presença do pesquisador. Geralmente, eles são enviados às pessoas que os responderão, mas devem ser acompanhados de texto explicativo em que se solicita colaboração e resposta.

Marconi e Lakatos (2003, p. 201) identificam algumas vantagens e limitações no uso do questionário como técnica de pesquisa e coleta de dados, que também consideramos útil ao pesquisador avaliar.



Dentre as vantagens, verifica-se a economia de tempo, a maior abrangência geográfica, a rapidez e exatidão nas respostas, o menor risco de distorção, a uniformidade na avaliação, a segurança e a liberdade nas respostas, em razão do anonimato e da natureza impessoal do instrumento.

Com relação às desvantagens, podem ser citados problemas como o pequeno percentual de questionários que voltam, efetivamente, as eventuais perguntas sem resposta, a impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas, a devolução tardia e o desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos.

Vejamos o quadro a seguir, que amplia essas condições:

Quadro 9 – Coleta de dados: questionário

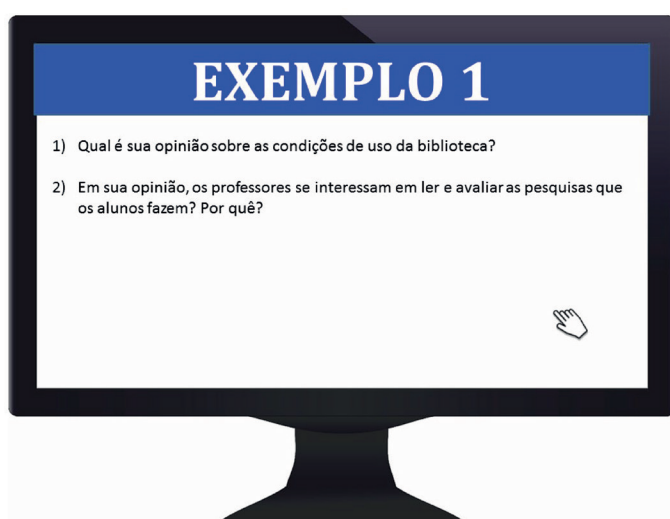
VANTAGENS	DESVANTAGENS
Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados.	Percentagem pequena dos questionários que voltam.
Atinge maior número de pessoas simultaneamente.	Grande número de perguntas sem respostas.
Abrange uma área geográfica mais ampla.	Não pode ser aplicado a pessoas analfabetas.
Economiza pessoal, tanto em adestramento quanto em trabalho de campo.	Impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas.
Obtém respostas mais rápidas e mais precisas.	A dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, leva a uma uniformidade aparente.
Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.	Na leitura de todas as perguntas, antes de respondê-las, pode uma questão influenciar a outra.
Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas.	A devolução tardia prejudica o calendário ou sua utilização.
Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador.	O desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos torna difícil o controle e a verificação.
Há mais tempo para responder e em hora mais favorável.	Nem sempre é o escolhido quem responde ao questionário, invalidando, portanto, as questões.
Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.	Exige um universo mais homogêneo.
Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.	

Fonte: Marconi e Lakatos (2003, p. 201).

Devemos pensar no questionário como um instrumento de pesquisa por meio do qual o pesquisador conhecerá a opinião dos participantes sobre o assunto do estudo. Portanto, as perguntas devem ter clareza e ser objetivas, evitando dúvidas ou ambiguidades.

Os autores que tratam do assunto recomendam que o questionário não ultrapasse de 20 a 30 questões, que devem ser agrupadas por temas específicos. Isso significa que seu processo de elaboração é complexo e exige alguns cuidados do pesquisador. Ele poderá ser constituído por questões **abertas** ou **fechadas**, assim definidas por alguns autores e aqui admitidas. Observe o exemplo de *Marconi e Lakatos* (2003, p. 204), aqui adaptado, para um questionário com questões abertas:

Figura 13 – Questões abertas: exemplo 1



Fonte: Pixabay¹⁸.

Questões abertas pressupõem que haja construção pessoal nas respostas, ou seja, esse tipo de questão permite ao participante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. Entendemos, portanto, que essa característica poderá trazer obstáculos à tabulação, se o pesquisador não adotar alguns cuidados.

A escolha pela aplicação de questões abertas em um questionário dependerá da proposta do estudo. Para a tabulação de dados obtidos, nesse caso, é sempre sugerida a construção de algumas categorias que poderão agrupar as ideias. De qualquer forma, deve-se estar atento às informações quantitativas e qualitativas, para não haver perda de elementos importantes nos dados e baixa fidedignidade das amostras coletadas.

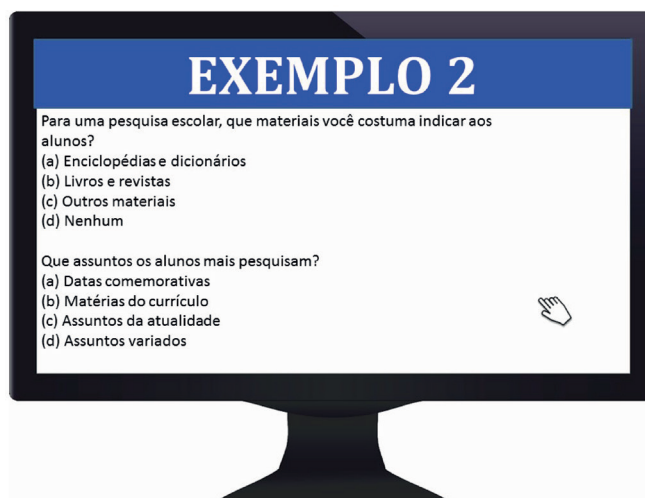
Uma alternativa são as questões consideradas **fechadas**, cujas respostas podem ser escolhidas dentre as opções oferecidas pelo pesquisador, observando-se os perigos da construção de alternativas que possam tornar o estudo tendencioso.

¹⁸ PIXABAY. Valco. Disponível em: <<http://bit.ly/2z7qngK>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

PIXABAY. OpenClipart-Vectors. Disponível em: <<http://bit.ly/2yjFpkk>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Veja agora uma adaptação de um exemplo sugerido por Gil (2014, p. 123) para um questionário com questões fechadas:

Figura 14 – Questões fechadas: exemplo 2



EXEMPLO 2

Para uma pesquisa escolar, que materiais você costuma indicar aos alunos?

- (a) Enciclopédias e dicionários
- (b) Livros e revistas
- (c) Outros materiais
- (d) Nenhum

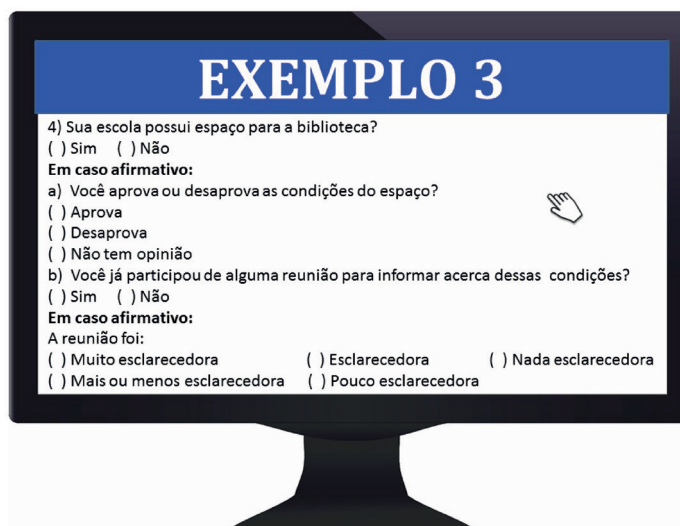
Que assuntos os alunos mais pesquisam?

- (a) Datas comemorativas
- (b) Matérias do currículo
- (c) Assuntos da atualidade
- (d) Assuntos variados

Fonte: Pixabay¹⁹.

As questões fechadas podem apresentar vários formatos, considerando a dependência que podem ter de outros questionamentos, como vemos no exemplo anterior e no seguinte:

Figura 15 – Questões fechadas: exemplo 3



EXEMPLO 3

4) Sua escola possui espaço para a biblioteca?

☐ Sim ☐ Não

Em caso afirmativo:

a) Você aprova ou desaprova as condições do espaço?

☐ Aprova

☐ Desaprova

☐ Não tem opinião

b) Você já participou de alguma reunião para informar acerca dessas condições?

☐ Sim ☐ Não

Em caso afirmativo:

A reunião foi:

☐ Muito esclarecedora	☐ Esclarecedora	☐ Nada esclarecedora
☐ Mais ou menos esclarecedora	☐ Pouco esclarecedora	

Fonte: Pixabay²⁰.

Usa-se o procedimento de desmembrar umas perguntas em outras porque, por vezes, as alternativas disponíveis não incluem todas as possibilidades de resposta do participante.

Independentemente do formato escolhido para as questões aplicadas em um questionário, é importante que elas estejam alinhadas aos objetivos

¹⁹ PIXABAY. Valco. Disponível em: <<http://bit.ly/2z7qngK>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

PIXABAY. OpenClipart-Vectors. Disponível em: <<http://bit.ly/2yjFpkk>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

²⁰ PIXABAY. Valco. Disponível em: <<http://bit.ly/2z7qngK>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

PIXABAY. OpenClipart-Vectors. Disponível em: <<http://bit.ly/2yjFpkk>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Considerando esses cuidados e as inúmeras experiências já vividas na elaboração e aplicação de questionários, podemos pensar em algumas estratégias que, ao longo do tempo, tornaram-se normas para a formulação de perguntas utilizadas neles, visando à coleta de dados para pesquisas.

- a) a ordem e o agrupamento das questões;
- b) o domínio do assunto pelo pesquisador;
- c) a quantidade de questões;
- d) sua pertinência com os objetivos geral e específicos;
- e) a estética na disposição dos itens, entre outras.



Considerando o problema estabelecido em sua pesquisa, idealize um procedimento de coleta de dados adequado a seus objetivos. Para isso, desenvolva um roteiro com as categorias que podem nortear o processo de observação ou um elenco de questões para constituir uma entrevista ou um questionário – essa escolha dependerá do tipo de instrumento selecionado por você.

Roteiro ou questões:

Roteiro ou questões:

4.5 CONCLUSÃO

Nesta Unidade, foram trabalhadas as formas mais recorrentes de coletas de dados em um processo de pesquisa: o levantamento bibliográfico, a observação, a entrevista e o questionário, explorando as estruturas que os definem, suas vantagens e desvantagens e sua adequação aos propósitos da pesquisa.

O levantamento dos dados em um TCC é uma das etapas mais importantes de sua produção. Sendo assim, a escolha da ferramenta mais adequada é fundamental para não comprometer os resultados do estudo.

RESUMO

- a) O levantamento de dados para um TCC deve ser fruto de observação sistemática a partir da aplicação de métodos e técnicas de pesquisa, sendo que os dados coletados terão sua análise baseada nas teorias apontadas na literatura científica selecionada;
- b) os dados utilizados em um TCC podem: ser coletados pelo pesquisador por meio de entrevistas ou questionários, estar disponíveis em trabalhos que foram produzidos por outros ou, ainda, ser obtidos como resultado de análises pertinentes a esses trabalhos;
- c) os métodos para coleta de dados se constituem na aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas para esse fim. Existem vários métodos, mas os mais reconhecidos são: o levantamento bibliográfico, a observação, a entrevista e o questionário;
- d) ao realizar um levantamento bibliográfico, identificam-se documentos, fontes de informação, bancos e bases de dados, diretórios, *sites* e outros recursos;
- e) a observação se refere ao uso dos sentidos com vista a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. Ela está presente em diversas fases da pesquisa e pode, inclusive, ser considerada um método de investigação;
- f) ela pode ser categorizada, entre outras formas, em:
 - **simples:** o pesquisador observa o que pretende investigar sem envolver-se com a situação investigada. É espontânea e informal, permite a construção de novas hipóteses e é mais adequada a estudos qualitativos;
 - **participante:** o pesquisador participa dos acontecimentos, tornando-se parte de uma situação determinada. Ela permite um acesso mais rápido aos dados, no entanto, o papel assumido pelo pesquisador pode gerar desconfiança e impedir seu acesso a informações mais restritas ao grupo;

- **sistemática:** o processo de observação se desenvolve a partir de um plano previamente estabelecido, que permite um nível significativo de controle e pode seguir alguns modelos constituídos por diferentes elementos já definidos pelo pesquisador para obtenção dos dados.
- g) a entrevista é uma técnica de pesquisa em que o pesquisador formula questões que poderão obter do entrevistado os dados necessários para responder a suas hipóteses, para traçar um diagnóstico ou, ainda, para orientar o caminho da pesquisa;
- h) existem diversos tipos e categorias de entrevista, como:
- **informal:** muito utilizada em estudos exploratórios, já que permite ao pesquisador se aproximar de realidades pouco conhecidas por ele; é realizada com perguntas abertas em uma conversação normal;
 - **focalizada:** embora também seja informal, procura descobrir razões e motivos sem sair do foco da questão abordada;
 - **estruturada:** segue um roteiro determinado, com a intenção de que todos os entrevistados respondam sempre às mesmas perguntas, permitindo comparações e análises estatísticas dos dados coletados;
- i) o questionário constitui-se em uma série de perguntas, devidamente ordenadas, que devem ser respondidas com ou sem a presença do pesquisador. É recomendado que eles não ultrapassem de 20 a 30 questões, que podem ser abertas ou fechadas;
- j) questões abertas permitem ao participante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. Já as fechadas são aquelas cujas respostas podem ser escolhidas dentre as opções oferecidas pelo pesquisador.

UNIDADE 5

ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar a importância das correntes teóricas e da consistência dos resultados para uma argumentação coerente.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) escolher os pontos de análise definindo indicadores;
 - b) determinar um padrão de referência nas evidências coletadas;
 - c) estabelecer o fundamento teórico para as evidências coletadas.
-

5.3 O QUE DÁ SENTIDO AOS DADOS?

Quando nos encaminhamos para a prática científica, muitas vezes nos parece que apenas a aplicação de métodos poderá garantir um resultado técnico e operacional coerente o bastante para a pesquisa. Nesse processo, sempre nos deparamos com artefatos de todo tipo e procedimentos que nos impelem às mais variadas possibilidades.

Todas essas condições não surgem ao acaso e devem seguir um detalhado planejamento, coerente com o método, mas, principalmente, direcionado a um fundamento que justifique a lógica aplicada.

Severino (2013, p. 100) ajuda a compreender essas condições quando afirma que a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos. Para tanto, nos convida a responder a alguns questionamentos, considerando que toda modalidade de conhecimento realizado por nós implica nossa própria concepção da relação sujeito/objeto, na perspectiva do que se segue:

Figura 16 – Questões 2



Fonte: Pixabay.²¹

- a) Qual a contribuição de cada polo desta relação: sujeito que conhece e objeto conhecido?
- b) São independentes um do outro?
- c) Ou um depende do outro?
- d) Ou um se impõe ao outro?
- e) O resultado do conhecimento é determinado pelo objeto, exterior ao sujeito ou, ao contrário, o que conhecemos é mais a expressão da subjetividade do pesquisador do que o registro objetivo da realidade?

Vamos pensar nesses pontos e construir o percurso da análise dos dados coletados, com o olhar apurado, diferenciando-o do senso comum e com coerência metodológica que se adeque ao desenvolvimento da pesquisa. Observe que os assuntos tratados aqui não são novos, já fazem parte do conjunto de conhecimentos que você adquiriu ao longo do curso. Mas qual é o lugar desses conhecimentos no processo de registro de sua pesquisa?



²¹ PIXABAY. 3dman_eu. Disponível em: <<http://bit.ly/2zPMO7Q>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

Figura 17 – Uma análise de dados bem-feita requer um planejamento que contemple não apenas a metodologia adequada, mas, também, um referencial teórico que dê suporte à lógica aplicada



Fonte: Pixabay²².

5.4 DEFININDO ESTRUTURAS DE ANÁLISE

Neste ponto da elaboração da pesquisa, o caminho percorrido já incluiu estudos minuciosos da área de conhecimento e pesquisas de campo, por meio dos instrumentos definidos para levantamento de dados. Assim, considerando o delineamento da pesquisa, rumamos para a identificação de pontos significativos nesses dados, que nos servirão para uma análise consistente.

Para tanto, apresentamos a compreensão dos muitos autores que tomam as possibilidades da análise quantitativa e da análise qualitativa, sem exclusões ou com a possibilidade da complementaridade entre suas abordagens.

Nessa perspectiva, entende-se como ação inicial, inerente a ambas as abordagens, o processo de descrição dos dados coletados. Essa descrição compreende o procedimento de estabelecer os referenciais teóricos, os métodos de coleta de dados e a forma de abordagem para uma interpretação dos dados em estreita conexão com a teoria e o real.

²² PIXABAY. 3dman_eu. Disponível em: <<http://bit.ly/2xPZdaK>>. Acesso em: 13 dez. 2018.



Explicativo

O conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método é o fio condutor para se formular esta articulação. O método tem, pois, uma função fundamental: além do seu papel instrumental, é a “própria alma do conteúdo”, como dizia *Lenin* (1965), e significa o próprio “caminho do pensamento”, conforme a expressão de *Habermas* (1987) (MINAYO, 1993, p. 239).

Para *Minayo* (1993, p. 247), não há contradição, assim como não há continuidade, entre investigação quantitativa e qualitativa. Ambas são de naturezas diferentes. A autora nos ensina que a pesquisa quantitativa trabalha com indicadores e tendências observáveis, transformando aglomerados de dados em variáveis classificadas. A pesquisa qualitativa, por sua vez, ocupa-se de fenômenos complexos e processos particulares de grupos, valores, crenças, representações, que se complementam na compreensão da realidade social.

Nesse contexto, evidencia-se a importância dos objetivos da pesquisa, da construção antecipada de hipóteses e dos estudos relativos ao aporte teórico, que devem dar validade lógica às hipóteses, ou subsídios para serem descartadas ou reformuladas.

5.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

Considerando as pesquisas de abordagem quantitativa, três aspectos se destacam como fundamentais para estabelecer os parâmetros de cálculos estatísticos associados ao percurso da pesquisa (GIL, 2014, p. 161):

- a) caracterização do que é típico no grupo;
- b) indicação da variabilidade dos indivíduos no grupo;
- c) verificação de como os indivíduos se distribuem em relação a determinadas variáveis.

Cabe esclarecer, como dissemos anteriormente, que cálculos mais complexos podem ser realizados com os recursos da computação ou com o aprofundamento dos estudos da área, já que exigem conhecimentos

Semestre

7

específicos no campo da estatística. Vamos, entretanto, observar, ainda que brevemente, como se desenvolvem esses processos.

Para caracterizar o que é típico em um grupo, os recursos mais utilizados pela estatística descritiva – instrumento das pesquisas quantitativas – são o cálculo da média aritmética e o cálculo da mediana. No primeiro caso, buscam-se resultados que se distribuem em torno de um ponto ou uma tendência central; no segundo, busca-se um ponto médio exato, ou ainda os resultados extremos que afetam a média. Para indicar a variabilidade de indivíduos em um grupo, são utilizados, em especial, os cálculos do desvio-padrão e, enfim, para verificar como os indivíduos se distribuem em relação a determinadas variáveis, utiliza-se mais frequentemente o polígono de frequência. Retornaremos a esses itens mais à frente.

É bem provável que esse assunto já tenha sido explorado em uma disciplina específica neste curso. No entanto, torna-se necessário resgatar alguns conceitos pertinentes para organizarmos o processo de análise de dados de sua pesquisa, que está em andamento.

Sendo assim, no que se refere a uma pesquisa de abordagem quantitativa, retomamos alguns conceitos cuja clareza é indispensável para a análise.

Um primeiro conceito aplicado é o de **universo** ou **população**. A expressão adquire sentido diferenciado em termos estatísticos e refere-se ao conjunto dos elementos estudados, como os alunos de uma escola, as obras de um acervo, as famílias de uma cidade, os trabalhadores de uma fábrica, entre outros. Eles devem possuir pelo menos uma característica em comum ou satisfazer a uma mesma propriedade ou característica.

Do universo ou população, são extraídas amostras, que são consideradas subconjuntos da população. Trabalha-se com amostras, em especial, quando há um grande número de dados coletados para o estudo, que reúnem entre si características comuns.

A compreensão do significado de uma variável constitui-se, enfim, em outro elemento para a estruturação do processo de pesquisa quantitativa. Uma variável pode ser definida como uma característica determinada, que pode ser medida ou avaliada em cada elemento da amostra ou da população.

Regra geral, a estatística classifica as variáveis quantitativas da seguinte forma:

Quadro 10 – Tipos de variáveis quantitativas



Variáveis discretas

- Utilizam números como resultados de contagens e são expressas como números inteiros. Exemplos: número de crianças, número de livros, número de cigarros fumados por dia.



Variáveis contínuas

- São resultados de medições, por meio de algum instrumento, e podem assumir valores com casas decimais. Exemplos: distância, altura, tempo.

Fonte: produção do próprio autor.

Algumas pesquisas podem observar a relação entre duas variáveis e, para tanto, são utilizados testes para verificação, o que é conhecido como teste de correlação.

Gil (2014, p. 163) indica que:

Existe grande número de testes de correlação e o uso de cada um deles depende das características dos dados disponíveis. Para que se possa escolher adequadamente um desses testes, é necessário ter as seguintes informações acerca dos dados:

- a) o tipo de distribuição dos dados (normal ou não);
- b) o nível de mensuração alcançado;
- c) o formato das tabelas (número de linhas e colunas).

Observe o exemplo, aqui adaptado, apresentado pelo autor:

Hipótese: a atitude em relação ao uso da biblioteca está relacionada ao nível de frequência a esse espaço.

Quadro 11 – Distribuição de frequência

Frequência à biblioteca	N	%
Pelo menos uma vez por semana	52	17,33
Em média uma vez por mês	74	24,67
Algumas vezes por ano	68	22,67
Raramente	66	22,00
Nunca	40	13,33
Total	300	100,00

Fonte: Modelo de distribuição de uma população (adaptado de GIL, 2014).

5.6 ANÁLISE MULTIVARIADA DOS DADOS

O uso da análise multivariada dos dados em pesquisas científicas adquiriu significativo desenvolvimento com o surgimento e a popularização dos computadores. Eles ofereceram a possibilidade não só de cálculos mais rápidos, mas também da demonstração da correlação dos dados através do uso de gráficos visualmente representativos das relações das variáveis.

Cabe, entretanto, ressaltar que, apesar de o uso da técnica de análise multivariada estar bastante disseminado, é preciso que o pesquisador estruture adequadamente a correlação das variáveis, justificando a opção por seu uso em detrimento da análise univariada. Afinal, esta alternativa de forma alguma deve ser descartada, considerando seus potenciais resultados objetivos e aprofundados.



Atenção

Você já estudou estes conceitos, mas não custa relembrar as diferenças entre as análises univariada e multivariada. No primeiro tipo, examina-se uma variável por vez, sendo a maneira mais simples de fazer estimativas estatísticas. Já na análise multivariada, duas ou mais variáveis são relacionadas, abordando-se, assim, a complexidade que resulta da multiplicidade de variáveis.

As técnicas de análise multivariada são de cálculos complexos e as que têm sido identificadas como mais utilizadas são:

- a) a análise fatorial;
- b) a de regressão múltipla;
- c) a de agrupamentos;
- d) a discriminante.

A análise fatorial verifica a estrutura das correlações entre as diversas variáveis, considerando as dimensões de cada uma, separadamente. Sua finalidade está descrita como de resumo e de redução, procurando sistematizar um conjunto grande de variáveis em um conjunto mais significativo de fatores.

A análise de regressão múltipla, outra técnica de análise multivariada, de uso mais específico, tem a finalidade de analisar a relação entre uma variável dependente e múltiplas variáveis independentes, o que possibilita a previsão de valores da dependente.

A análise de agrupamentos, por sua vez, é definida como uma forma de agrupar dados em busca de características comuns. O processo ocupa-se de realizar, também, uma organização hierárquica de variáveis.

Por fim, a análise discriminante é concebida como uma forma de classificação de variáveis encontradas em um conjunto de elementos. Diferencia-se da análise de agrupamentos por requerer o conhecimento antecipado desses elementos.

No estabelecimento da correlação dos dados a partir dos levantamentos das relações entre as variáveis, verificamos que os procedimentos estatísticos de cálculos simples ou complexos, de fato, apontam para as vinculações possíveis entre as variáveis. Mas observe o que salienta Gil (2014, p. 174):

[...] os procedimentos estatísticos, por mais sofisticados que sejam, não são suficientes para a inferência de relações causais. O papel mais importante é exercido pela análise lógica. Até mesmo porque o conceito de causalidade em ciência distingue-se do conceito do senso comum, que tende a admitir que um único acontecimento sempre provoca outro. Em ciência o que se procura é acentuar a multiplicidade de condições determinantes que, reunidas, tornam provável a ocorrência de determinado fenômeno (GIL, 2014, p. 174).

Nos cuidados relativos a essas circunstâncias, ou seja, analisando as relações causais entre as variáveis do estudo, o pesquisador deve estar atento ao verificar o que alguns autores chamam de condições contribuintes, condições contingentes e condições alternativas. Isso pressupõe que o pesquisador estará considerando o que aumenta a possibilidade de determinado fenômeno ocorrer, o que o torna mais provável, ou o que contribui para sua ocorrência.

Retomamos aqui o que foi dito na abertura dos estudos sobre a pesquisa quantitativa, em que se recomenda a construção antecipada de hipóteses, fundadas no aporte teórico que oferecerá validade lógica a elas. A partir dessa observação, dependendo do que representem, as hipóteses poderão ser descartadas ou reformuladas.

5.7 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Os autores, em geral, apontam para o fato de que os levantamentos e as pesquisas experimentais são tratados como quantitativos. Já os estudos de caso, a pesquisa-ação ou a pesquisa participante, dentre outras, adquirem caráter qualitativo. Nesse sentido, para a análise de dados são estabelecidos outros percursos, que incluem procedimentos essencialmente qualitativos, indicando o uso de condições subjetivas e requerendo diferentes formas de organizar e interpretar as informações coletadas.

A despeito de toda subjetividade que envolve a análise qualitativa de dados, é importante que o pesquisador considere que uma análise sob essa perspectiva também não prescinde de alguns procedimentos metodológicos, aplicados com o rigor pertinente a uma pesquisa científica, que lhe garanta a legitimidade que a ciência requer.

Em razão de a pesquisa qualitativa efetivar-se a partir de uma forma bem particular, *Minayo* (2013, p. 26) a caracteriza como um ciclo de pesquisa, indicando que é um processo em espiral: ele começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou produto, que, por sua vez, dá origem a novas interrogações. Ainda segundo essa autora, no ponto de análise de uma pesquisa qualitativa, se efetivará não só uma classificação

de opinião dos participantes, mas, essencialmente, a descoberta dos códigos sociais envolvidos nas falas e interlocuções observadas à luz da teoria.



Explicativo

O delineamento de uma pesquisa requer conhecimento sobre qual a melhor forma de se descobrir, por meios científicos, a resposta para uma problemática estabelecida. Essa melhor forma pode emergir por diversos fatores: interesse e habilidade do pesquisador para conduzi-la, tempo e recursos disponíveis, enquadramento do método ao objeto de pesquisa e principalmente pelos pressupostos ontológicos e epistemológicos adotados pelo pesquisador (MASSUKADO, 2008, p. 9).

Não são poucas, nos dias atuais, as propostas para organização e análise dos dados coletados em pesquisas de ordem qualitativa. Procuraremos, nesta nossa jornada, sem pretender esgotar o assunto, explorar algumas dessas possibilidades e indicar tantas outras que poderão ser úteis na análise qualitativa que se adapte à pesquisa de cada estudante. Nesse sentido, apresentaremos aqui as reflexões de três autores que tratam do tema e cujas ideias não se excluem mutuamente, mas, antes de tudo, complementam nossa compreensão e nos ajudam nas escolhas que pretendemos fazer.

Começamos com a forma encontrada por Gil (2014, p. 175), que fundamenta seus estudos em Miles e Huberman (1994) e, em uma descrição quase didática, procura apontar três etapas que consolidariam o processo de análise de dados em uma pesquisa qualitativa, denominando-as como:

- a) de redução;
- b) de apresentação;
- c) de conclusão/verificação.

A etapa da redução dá origem a sumários organizados de acordo com os temas ou padrões definidos nos objetivos da pesquisa. Nela, o processo inclui a codificação, o agrupamento e a organização das categorias, tornando-as verificáveis.

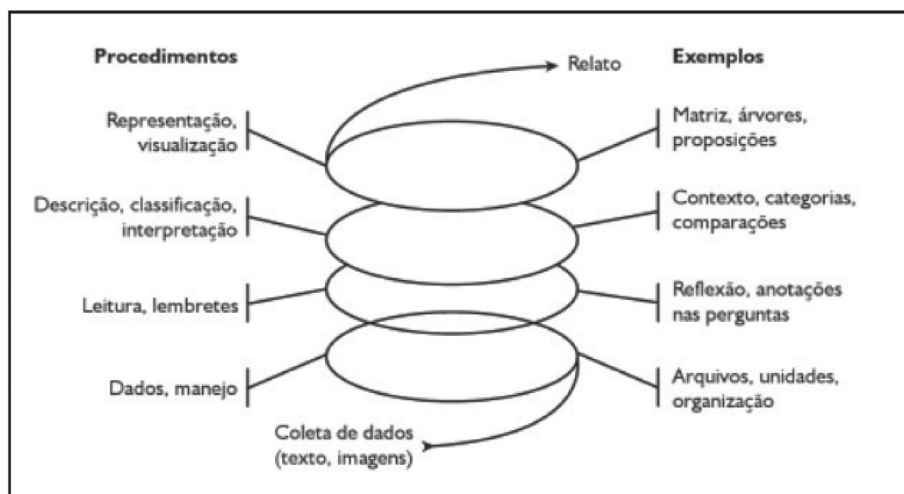
A apresentação constitui-se em um momento em que se procuram semelhanças, diferenças e suas inter-relações. É possível que nessa etapa surjam outras categorias, sendo uma nova maneira de organizar as informações.

Já a etapa de conclusão/verificação representa o momento de dar validade aos dados obtidos, diferentemente da análise em pesquisas quantitativas, que pressupõe um instrumento de medição para os dados coletados.

Embora não esteja muito distante do procedimento anterior, *Gomes* (2013, p. 81) afirma que não há uma fronteira rígida ou nítida entre a coleta das informações – início do processo de análise – e a interpretação, mas recomenda que haja um critério estabelecido *a priori* para a seleção dos dados. No caso das entrevistas, por exemplo, não há necessidade de abranger todas as falas, posto que costumam ter muitos pontos em comum, devendo-se, sim, considerar o que as diferencia. Para tanto, na sequência do processo de análise, é importante incluir um processo de descrição, definido como uma forma de decompor os dados, buscando relações entre eles.

Creswell (2014) vai um pouco mais além e interconecta os passos do processo de análise qualitativa em uma espiral de atividades, revelando que ele envolve a organização dos temas, a representação dos dados e a formulação de uma interpretação. O autor aproveita as contribuições de nomes importantes na pesquisa qualitativa e constrói sua proposta de análise de dados qualitativos, compreendendo-os sob diferentes abordagens. Nessa perspectiva, estabelece os procedimentos conforme registrados em uma representação gráfica do processo, que reproduzimos na sequência.

Figura 18 – Espiral da análise de dados. Ao invés de uma abordagem dos dados de forma linear, *Creswell* sugere que o processo de análise seja realizado em círculos, com constantes idas e vindas



Fonte: *Creswell* (2014, p. 149).

5.7.1 Análise qualitativa de dados: duas proposições

Feitas essas observações iniciais, teremos como foco as ideias trazidas para o debate por autores que discutem a análise de conteúdo. Em especial, o pensamento de *Laurence Bardin* e as ideias de *Creswell* (2014), que procura estruturar o processo de análise de dados da pesquisa qualitativa sob o pressuposto das abordagens.

Essas duas proposições, acreditamos, nos ajudarão a traçar um esboço da forma como organizaremos a análise de dados de nossa pesquisa. Observe-se que as propostas nesse sentido não se limitam a essas duas perspectivas, muito menos aos dois autores, considerando essas formas de compreender o processo como opções contemporâneas e de amplo

espectro, capazes de situar o pesquisador e promover a estruturação de seu próprio processo de análise.

5.7.1.1 Análise por abordagens

John W. Creswell, em sua obra *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa*, apresenta uma determinada forma de construir uma análise qualitativa, influenciada por suas experiências e formação. O autor descreve e avalia a escolha de abordagens, compreendidas como a interseção entre pressupostos filosóficos e estruturas interpretativas, para uma análise qualitativa consistente, indicando caminhos para essa possibilidade.

Para compreendermos inicialmente do que fala Creswell, é importante partir de seu próprio relato, apontado na introdução de sua obra:

Figura 19 – John W. Creswell

“Comecei a trabalhar neste livro durante um seminário qualitativo no verão de 1994 em Vail, Colorado, patrocinado pela Universidade de Denver, sob a hábil coordenação de Edith King do College of Education. No evento, mediei uma discussão a respeito da análise qualitativa de dados. Iniciei com uma nota pessoal, apresentando um dos meus estudos qualitativos – um estudo de caso de uma resposta do campus a um incidente com arma envolvendo um estudante (Asmussen e Creswell, 1995) (veja o Apêndice F deste livro). Sabia que esse caso poderia provocar alguma discussão e desencadear questões complexas para análise. O caso envolvia a reação de uma universidade no meio-oeste americano a um atirador que entrou em uma sala de aula de um curso de ciências atuariais com um rifle semiautomático e tentou atirar nos alunos. O rifle emperrou e não disparou, e o atirador fugiu, mas foi capturado a alguns quilômetros dali. Em pé diante do grupo, relatei os acontecimentos do caso, os temas e lições que aprendemos sobre a reação da universidade a um evento que esteve próximo de ser trágico. Então, sem que estivesse sido planejado, Harry Wolcott, da Universidade de Oregon, outro especialista do nosso seminário, ergueu a mão e pediu para vir ao pódio. Explicou como ele abordaria o estudo como antropológico cultural. Para minha surpresa ele “transformou” o meu estudo em etnografia, enquadrando o estudo de uma forma inteiramente nova. Depois que Harry concluiu, LesGoodchild, então da Universidade de Denver, discutiu como examinaria o caso do atirador a partir de uma perspectiva histórica. Tínhamos agora, portanto, duas versões diferentes do incidente, o que representam “reviravoltas” surpreendentes do meu estudo de caso a partir do uso de abordagens qualitativas diferentes. Foi esse evento que alimentou uma idéia que já vinha cultivando havia tempo – de que o projeto de um estudo qualitativo estava relacionado à abordagem específica usada na pesquisa qualitativa. Comecei a escrever a primeira edição deste livro guiado por uma única e instigante pergunta: como o tipo ou a abordagem de investigação qualitativa molda o projeto ou os procedimentos de um estudo?”

Fonte: Creswell (2014).

Compreendendo os estudos qualitativos sob o viés apresentado por *Creswell*, são estabelecidas duas condições essenciais para dar início ao processo: os pressupostos filosóficos e as estruturas interpretativas.

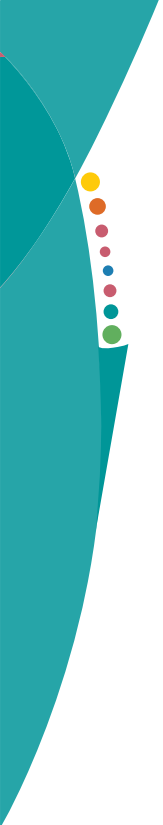
Considera-se que esses pressupostos filosóficos adquiriram a forma de paradigmas nos últimos anos, constituindo-se em ideias que tratam da ontologia (a natureza da realidade), da epistemologia (o que conta como conhecimento e como as afirmações dele são justificadas), da axiologia (o papel dos valores em pesquisa) e da metodologia (o processo de pesquisa) (CRESWELL, 2014, p. 32).

Veja, no quadro a seguir, como podem ser estruturados os pressupostos filosóficos e a eles atribuídas características e implicações para a prática. O intuito, obviamente, é evitar estabelecer uma postura rígida que situe a forma de pensar do pesquisador e deixe de avaliar a possibilidade de mudança e transformação na referência teórica, construída no percurso e no avanço nos estudos.

Quadro 12 – Pressupostos filosóficos com implicações para a prática

Pressuposto	Questões	Características	Implicações para a prática (exemplos)
Ontológico	Qual é a natureza da realidade?	A realidade é múltipla quando vista por meio de múltiplas perspectivas.	O pesquisador relata diferentes perspectivas à medida que os temas se desenvolvem nos achados.
Epistemológico	O que conta como conhecimento? Como as afirmações de conhecimento são justificadas? Qual a relação entre pesquisador e quem está sendo pesquisado?	Evidências subjetivas dos participantes; o pesquisador tenta reduzir a distância entre ele e quem está sendo pesquisado.	O pesquisador se baseia em citações como evidências do participante; colabora, passa um tempo no campo com os participantes e se torna um incluído.
Axiológico	Qual é o papel dos valores?	O pesquisador reconhece que a pesquisa é carregada de valores e que os vieses estão presentes.	O pesquisador discute abertamente os valores que moldam a narrativa e inclui a sua interpretação em conjunto com as interpretações dos participantes.
Metodológico	Qual é o processo de pesquisa? Qual é a linguagem da pesquisa?	O pesquisador usa a lógica indutiva, estuda o tópico dentro do seu contexto e usa um projeto emergente.	O pesquisador trabalha com particularidades (detalhes) antes das generalizações, descreve em detalhes o contexto do estudo e continuamente revisa questões das experiências no campo.

Fonte: *Creswell* (2014, p. 33).



O uso de estruturas interpretativas aproxima a análise de uma identificação mais concreta dos objetivos da pesquisa: são as famílias de teorias, que, regra geral, procuram explicar a realidade. Sob a perspectiva em que estamos trabalhando essas estruturas, podemos falar em teorias delineadas como pós-positivistas (orientadas para causa e efeito), construtivistas-sociais (surtem nas relações intersubjetivas, construídas historicamente), pós-modernistas (a importância dos diferentes discursos), pragmatistas (o que funciona e o que não funciona), feministas (situações das mulheres), críticas e racial-críticas (dominação e lutas sociais), teorias *queer* (identidades) e teorias da deficiência (inclusão e diferenças humanas).

Nessa perspectiva, o trabalho de pesquisa deve apontar para a associação dessas condições. Creswell (2014, p. 43) cita o seguinte exemplo:

[...] se a intenção do estudo for examinar um grupo marginalizado de aprendizes com deficiência com atenção a sua luta pela identidade quanto às próteses que usam e com o máximo de respeito pelas suas visões e seus valores e, no final do estudo, requerer mudanças a respeito de como o grupo com deficiências é percebido, então estaria em uso uma forte estrutura interpretativa das deficiências (CRESSWELL, 2014, p. 43).

Enfim, considerando que os passos principais do processo de pesquisa qualitativa – coleta de dados, análise de dados e registros – estão relacionados e podem ocorrer simultaneamente, é sugerida uma representação em espiral do processo, como podemos ver na Figura 18.

5.7.1.2 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo não é nova. É consenso entre os autores que ela vem se transformando ao longo deste século, e a definição adotada por Bardin tem se adequado às intenções de seu uso nos dias atuais. Para essa autora (1979, p. 42), trata-se de um

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Sendo assim, é possível considerar a análise de conteúdo como uma metodologia que, a partir de uma descrição sistemática, manifesta a representação da comunicação, da mensagem, expressa sob forma verbal ou comportamental, nas atitudes. Observam-se, na fala do autor, os traços pessoais que podem desvelar conflitos latentes ou ser estudados a partir de um tema que se constitua em uma unidade de sentido para um grupo ou para a própria pesquisa.



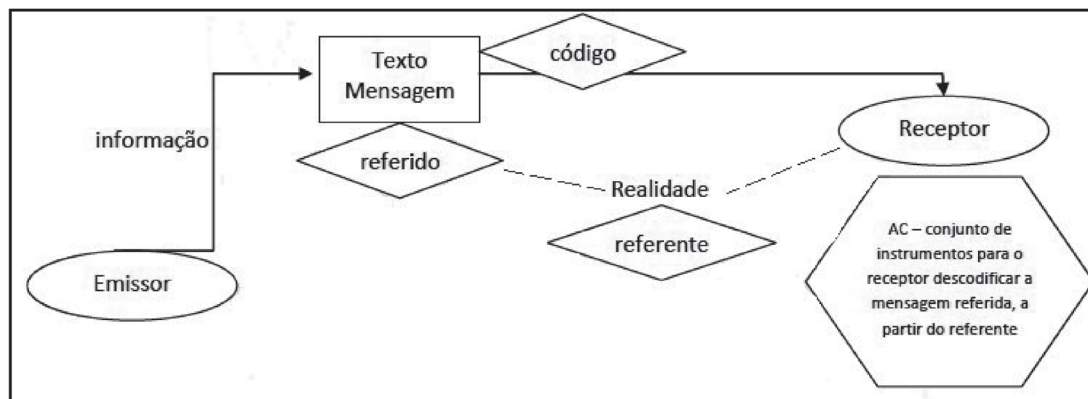
Explicativo

A análise de conteúdo surgiu no início do século XX, num cenário em que predominava o behaviorismo. Essa corrente psicológica – influenciada por princípios do positivismo – preconizava, com um máximo de rigor e cientificidade, a descrição de comportamentos (vistos como resposta a estímulos) (GOMES, 2013, p. 82).

Para *Bardin* (1979, p. 31), a análise de conteúdo é, pois, um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, de um único instrumento, que é marcado por uma grande disparidade de formas, sendo adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

Nesse sentido, é indicada a decomposição do conjunto da mensagem, que pode ser feita observando-se palavras, frases ou orações. Esses elementos constituem as unidades de registro. Para o que se chama de unidades de contexto, indica-se a observação do meio em que essas mensagens estão inseridas. Com objetivos bem definidos, procura-se, então, revelar o que está oculto no texto, decodificando-se a mensagem. Como vemos, são estruturas compartilhadas com os estudos da ciência da comunicação, que podem ser representadas conforme a figura que se segue.

Figura 20 – Esquema de comunicação. É necessário avaliar o contexto para decodificar as informações que podem estar ocultas na mensagem



Fonte: Ramos e Salvi (2009, p. 2).

Para a análise de conteúdo em uma dimensão qualitativa, são estabelecidas como procedimento metodológico as iniciativas de categorização, de inferências e de interpretação.

No processo de categorização, é importante que sejam agrupadas categorias dentro dos mesmos princípios, podendo ser idealizadas previamente ou durante a análise do material coletado. Servem para essas categorias as mesmas referências de que já falamos: devem ser homogêneas, exaustivas, exclusivas, adequadas e objetivas. Elas devem, também, obedecer a critérios lógicos já estabelecidos.

Sendo assim, como aponta *Gomes* (2013, p. 89), com base nos indicativos de *Bardin*, é possível, ainda, estabelecer critérios que atendam a condições semânticas ou sintáticas ou lexicais ou expressivas.

O procedimento de inferência requer deduções lógicas do pesquisador. Ele é caracterizado pela necessidade de articular dados visíveis da pesquisa com outros fatores subjacentes; consiste em estabelecer uma conexão entre as informações. Nessa fase da pesquisa, associam-se os dados da pesquisa com proposições já aceitas pela comunidade científica, o que já nos encaminha para o procedimento de interpretação.

Para *Gomes* (2013, p. 91), chegamos a uma interpretação quando conseguimos realizar uma síntese entre as questões da pesquisa, os resultados obtidos a partir da análise do material coletado, as inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada.

5.7.2 Uso do computador na análise de dados qualitativos

É cada vez mais comum o uso de programas de computador na análise de dados qualitativos. Segundo os autores que hoje trabalham em analisar esses *softwares*, a lógica utilizada é a mesma do processo manual, distinguindo-se as ações de identificar um segmento de texto (e também de fotos e vídeos), atribuir um rótulo de codificação e agrupar os dados codificados.

O uso sistemático do procedimento permite um mapeamento dos conceitos e o estabelecimento de relações entre os dados codificados, cuidando o pesquisador de adquirir *softwares*, dentre os já disponíveis no mercado, cujas características se adequem às necessidades de sua pesquisa.



5.7.3 Atividade

A proposta desta atividade é praticar a codificação de dados de sua pesquisa. Para realizá-la, obtenha uma transcrição de entrevista, ou notas de campo, a partir de uma de suas observações, ou, ainda, um arquivo de texto de um documento, como um artigo de jornal ou uma unidade de uma obra. Perguntando-se qual é o assunto que está sendo discutido no documento selecionado, crie categorias para trechos preestabelecidos e registre-as nas linhas a seguir.

5.8 CONCLUSÃO

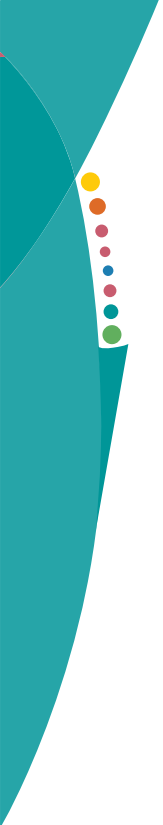
Nesta Unidade, exploramos elementos que nos ajudam a compreender como organizar a análise dos resultados no processo de uma pesquisa, considerando a possibilidade das dimensões quantitativa, multivariada ou qualitativa, sob a perspectiva das abordagens.

Na realização desses procedimentos, enfocou-se a importância de observar os pontos de análise, o estabelecimento do fundamento teórico e a determinação de um padrão de referência nas evidências coletadas.

RESUMO

- a) A descrição dos dados coletados compreende o estabelecimento dos referenciais teóricos, os métodos de coleta de dados e a forma de abordagem para a interpretação dos dados.
- b) A pesquisa quantitativa trabalha com indicadores e tendências observáveis, transformando aglomerados de dados em variáveis classificadas. Os autores, em geral, apontam para o fato de que os levantamentos e as pesquisas experimentais são tratados como quantitativos.
- c) A pesquisa qualitativa ocupa-se de fenômenos complexos e processos particulares de grupos, valores, crenças, representações que se complementam na compreensão da realidade social. Sendo assim, os estudos de caso, a pesquisa-ação ou a pesquisa participante, entre outras, apresentam caráter qualitativo.
- d) Os cálculos mais complexos utilizados na abordagem quantitativa costumam exigir conhecimentos específicos de estatística. Por exemplo, para caracterizar o que é típico em um grupo, os recursos mais utilizados pela estatística descritiva são o cálculo da média aritmética e da mediana.
- e) A estatística classifica as variáveis em discretas e contínuas, sendo as primeiras expressas como números inteiros, enquanto as outras podem assumir valores com casas decimais.



- 
- f) A análise multivariada dos dados oferece a possibilidade de cálculos mais rápidos, bem como da demonstração da correlação dos dados, lançando mão do uso de gráficos visualmente representativos das relações das variáveis.
- g) As técnicas de análise multivariadas mais utilizadas são:
- **fatorial:** verifica a estrutura das correlações entre as diversas variáveis, considerando as dimensões de cada uma separadamente;
 - **de regressão múltipla:** analisa a relação entre uma variável dependente e múltiplas variáveis independentes, possibilitando a previsão de valores da dependente;
 - **de agrupamentos:** agrupa dados em busca de características comuns, realizando também uma organização hierárquica de variáveis;
 - **discriminante:** é uma forma de classificação de variáveis encontradas em um conjunto de elementos.
- h) Existem várias proposições para a análise qualitativa de dados. Estudamos, nesta Unidade, duas formas consideradas contemporâneas e de amplo espectro:
- **análise por abordagens:** está compreendida como a interseção entre pressupostos filosóficos e estruturas interpretativas. Aos primeiros são atribuídas características e implicações práticas, evitando estabelecer uma postura rígida que situe o pensamento do pesquisador e deixe de avaliar a possibilidade de mudança e transformação na referência teórica construída ao longo do estudo. Já as estruturas interpretativas aproximam a análise de uma identificação mais concreta dos objetivos da pesquisa: são as teorias que procuram explicar a realidade;
 - **análise de conteúdo:** é uma metodologia que, a partir de uma descrição sistemática, manifesta a representação da mensagem, expressa sob forma verbal ou comportamental, nas atitudes, observando-se os traços pessoais na fala do autor que possam desvelar conflitos latentes ou ser estudados a partir de um tema que se constitua em uma unidade de sentido para um grupo ou para a própria pesquisa.

UNIDADE 6

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 OBJETIVO GERAL

Orientar sobre a organização das respostas ao problema da pesquisa e, conseqüentemente, sobre a busca de um sentido amplo para os dados coletados.

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

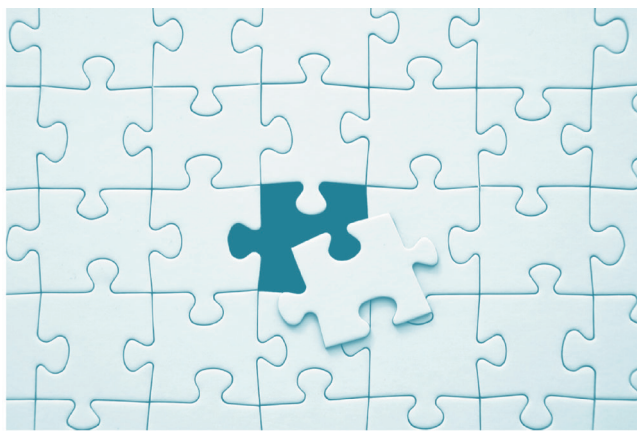
- a) listar pontos de apoio para o registro da discussão dos resultados;
 - b) identificar aspectos gerais para as considerações finais;
 - c) organizar o percurso da pesquisa.
-

6.3 AS PEÇAS QUE FALTAM

Chegamos, enfim, à parte final do TCC. Neste ponto, vamos retomar etapas significativas do trabalho para apresentar algumas conclusões possíveis e apontar indicativos para novas investigações.

Vamos, então, começar listando os pontos de apoio constantes nos estudos realizados ao longo da pesquisa que podem ajudar a estruturar essa parte final do TCC. Ela trata da discussão dos resultados, encaminhando-nos, assim, para a conclusão do trabalho.

Figura 21 – Se você chegou até aqui, é porque já analisou seus dados. E agora, o que fazer? Você precisa discuti-los. Precisa usar o referencial teórico selecionado para embasá-los, ou mesmo contestá-los



Fonte: Pixabay²³.

6.4 LISTANDO PONTOS DE APOIO PARA A DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analisados os dados da pesquisa, é hora de confrontarmos as evidências coletadas que podem confirmar ou refutar as hipóteses levantadas. Tomamos como pontos de apoio para a construção da discussão dos resultados os seguintes elementos:

- a) dados coletados;
- b) referência teórica;

²³ PIXABAY. Annca. Disponível em: <<http://bit.ly/2ILkaBX>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

- c) objetivos;
- d) hipóteses.

Nesta seção do estudo, começaremos por apresentar os dados coletados. A cada elemento apresentado, deve-se seguir o registro da análise do pesquisador. Entende-se, pois, que ele apresentará os dados conforme sua relevância, demonstrando, por meio de tabelas, gráficos ou outros recursos e fundamentos teóricos, a pertinência de sua pesquisa e a discussão de suas hipóteses.

Para tanto, *Marconi e Lakatos* (2003, p. 231-232) orientam sobre a necessidade de assinalar:

- a) as discrepâncias entre os fatos obtidos e os previstos nas hipóteses;
- b) a comprovação ou a refutação da hipótese, ou ainda, a impossibilidade de realizá-la;
- c) a especificação da maneira como foi feita a validação das hipóteses no que concerne aos dados;
- d) qual é o valor da generalização dos resultados para os objetivos determinados;
- e) as maneiras a partir das quais se pode maximizar o grau de verdade das generalizações;
- f) em que medida a convalidação empírica permite atingir o estágio de enunciado de leis;
- g) como as provas obtidas mantêm a sustentabilidade da teoria, determinam sua limitação ou, até, sua rejeição.

O que se procura aqui é dar um sentido maior aos dados coletados, indo além de sua simples leitura. É preciso buscar, no fundamento teórico apontado na revisão da literatura, os elementos que poderiam explicar os resultados da pesquisa. Cabe, entretanto, ressaltar que, por certo, o pesquisador busca manter alimentado por si um universo de conhecimentos sobre o tema da pesquisa, que já tenha sido compartilhado no estudo ou não, o que lhe facilita muitas inferências.

Na etapa da discussão dos resultados, os dados podem também ser apresentados utilizando-se algum(ns) exemplo(s). Funciona como uma transição, partindo de uma visão concentrada nos procedimentos da pesquisa para processos de interpretação que alcancem o estado da arte ou vão para além disso.

Sendo assim, é fundamental que se estabeleça um processo organizado para a exposição da interpretação ou discussão dos resultados, em um movimento lógico que dê clareza e coerência ao discurso. Considere-se a discussão dos resultados como um momento de registro da pesquisa. Para isso, é importante que, nesse processo, sejam reveladas informações sobre:

- a) a metodologia empregada e o caráter da pesquisa;
- b) os resultados;
- c) o final esperado ou não;
- d) a descoberta;
- e) a comparação dessa descoberta com o que a literatura aponta;
- f) as generalizações possíveis.

Quanto à metodologia empregada e ao caráter da pesquisa, sugere-se que sejam informados na abertura do texto. Uma produtiva medida nesse sentido é rever o Quadro 2, na Unidade 1 (“Metodologia”), e trabalhar o texto procurando expor a abordagem utilizada, a natureza da pesquisa, sua identificação quanto aos objetivos e aos procedimentos.

No que se refere aos resultados, é preciso que sejam esclarecidos aqueles que se apresentam, basicamente, de forma descritiva e que podem envolver valores numéricos, ilustrados com tabelas e gráficos, destacando-se também as variáveis.

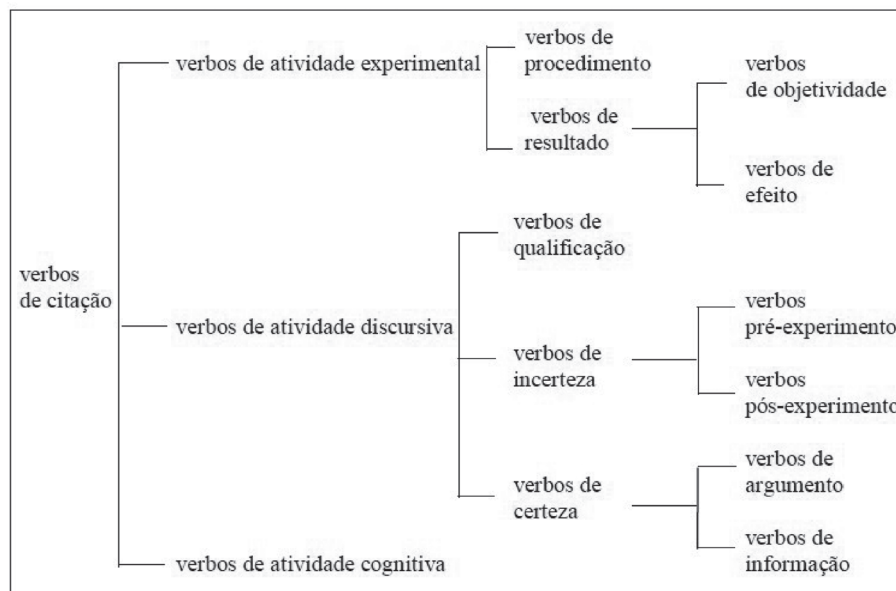
As informações relativas ao final esperado ou não remetem ao procedimento de explicação sobre causas e efeitos, razões, circunstâncias e contextos.

Quanto à descoberta, sempre é possível considerar que, no percurso da pesquisa, um dado novo pode se apresentar como resultado do estudo, sendo preciso descrevê-lo e apresentar a comprovação. Para tanto, deve-se confrontá-lo detalhadamente com o que a literatura aponta e apresentar a base teórica que sustenta a descoberta.

As generalizações surgem no processo de comprovação dessa descoberta. Observe-se que esses três itens se interconectam. Generalizações fazem parte do processo de criação de uma teoria, que agrega itens aplicáveis para determinadas situações.

Finalizando esta seção, tocamos em um ponto essencial no registro da discussão dos resultados, que é a propriedade de organizar um texto de acordo com os padrões dos textos científicos. Um interessante estudo de *Thomas e Hawes*, bem descrito por *Hendges* (2001), aponta as funções retóricas mais frequentes.

Figura 22 – Categorização dos verbos. Mostra a relação entre os verbos e sua função em um texto científico



Fonte: *Thomas e Hawes* (1994, p. 146) apud *Hendges* (2001, p. 53).

Investigar o uso mais acertado de expressões comumente empregadas em trabalhos científicos facilitará a leitura e caracterizará a objetividade da pesquisa.

6.5 CONCLUINDO?

É comum, na sequência da discussão dos resultados, uma pesquisa oferecer o movimento e a exposição das conclusões do estudo. Essa seção do trabalho pode ser denominada “Considerações finais”, avaliando que um processo de pesquisa nunca é finalizado, posto que a dinâmica da ciência sempre nos coloca no caminho de novas descobertas. Ela pode parecer, ainda, um desdobramento da discussão dos resultados, mas tem características específicas.

Segundo Gil (2014, p. 183), esse ponto do estudo se constitui na parte terminal da pesquisa. O autor considera que para ele

[...] convergem todos os passos desenvolvidos ao longo do seu processo. Sua finalidade básica é ressaltar o alcance e as consequências dos resultados obtidos, bem como indicar o que pode ser feito para torná-los mais significativos (GIL, 2014, p. 183).

Nessa perspectiva, a forma de redigir as considerações finais deve ser objetiva e pertinente a diferentes partes do trabalho. O texto não deve perder-se em um levantamento de argumentos, mas, sim, refletir a relação entre os dados obtidos e as hipóteses enunciadas.

A seção das considerações finais representa, pois, a síntese do contexto global, do contexto específico, do problema e dos resultados da pesquisa, revelando, assim, as conquistas realizadas e as limitações surgidas.

Orienta-se que o estudante atente, enfim, para duas questões que surgem para contribuir com o processo de reflexão e escrita das considerações finais: as recomendações e as sugestões. As recomendações são indicações relevantes de procedimentos de intervenção na sociedade ou nas áreas de pesquisa, frente aos resultados encontrados. As sugestões, por sua vez, devem revelar a necessidade de aprofundamento de estudos em determinados campos do saber ou temas específicos para futuras pesquisas, sempre no contexto do que foi apontado no estudo realizado.

6.6 ORGANIZANDO O TCC

Para os registros finais do TCC, é importante que suas seções estejam devidamente organizadas, revelando o encadeamento e a evolução da pesquisa. Para isso, indicamos, a seguir, essas seções e a forma como podem ser constituídas, lembrando que as instituições e os professores podem contribuir com processos próprios de organização.

6.6.1 Partes do TCC

Como vimos no início deste curso, um TCC é composto por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Podemos consultar, no Quadro 13, Unidade 2 (“Elementos do TCC”), os itens que compõem cada um desses elementos. Nesta seção, vamos observar mais atentamente os elementos textuais relativos apenas à introdução, e organizá-los com tudo o que produzimos no decorrer da pesquisa, considerando que os outros itens foram estudados separadamente.

Quadro 13 – Elementos textuais

ELEMENTOS TEXTUAIS	
INTRODUÇÃO	Tema
	Problema
	Hipóteses
	Objetivos
	Justificativa e relevância
DESENVOLVIMENTO	Revisão da literatura
	Materiais e métodos (metodologia)
	Análise e discussão dos resultados
CONCLUSÃO	Considerações finais

Fonte: produção do próprio autor.

Sendo assim, observe-se que, na introdução, será descrito o tema da pesquisa, que deve ter relação com sua área de estudos, identificada nos eixos temáticos constantes no *Projeto Político Pedagógico* do curso de Biblioteconomia na modalidade a distância. Deverão ser incluídos o problema, os questionamentos ou a indagação, cuja delimitação deve estar explícita e ser passível de tratamento científico. Constarão também as hipóteses, que sugerem a possibilidade de explicação para o problema levantado e podem ter origem histórica, física, jurídica, linguística, entre outras. Na introdução, ainda, trataremos dos objetivos da pesquisa, que traçarão o caminho a ser percorrido na busca pela comprovação ou negação da hipótese levantada. Os objetivos podem ser apresentados como específicos e geral. Distribuídos dessa forma, eles facilitarão o percurso da pesquisa, em especial, na construção de seus instrumentos (entrevistas, questionários). Por fim, serão apresentadas a justificativa e a relevância do estudo. Esse item consiste em apresentar as razões de ordem prática ou teórica que justificam a pesquisa. Isso significa que, entre elas, podem estar aquelas relacionadas à própria ciência, a condições sociais ou de contexto, circunstanciais ou, ainda, de caráter pessoal, fundamentadas em alguma experiência específica vivida pelo pesquisador.

6.7 FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO TEXTO CIENTÍFICO

A construção de todo trabalho acadêmico depende de qualidade argumentativa e de pesquisa apurada para uma fundamentação adequada no conjunto geral da produção do saber científico. Nessa perspectiva, como já dissemos anteriormente, os procedimentos em ciência devem seguir uma estrutura reconhecida e a ABNT oferece a referência para essa adequação do texto, estabelecendo a composição indicada para um TCC.

Regra geral, um tempo significativo é utilizado pelos estudantes para deixar todo o texto produzido com formatação adequada às normas da ABNT, nem sempre facilmente observáveis em seus detalhes.

Nesse contexto, as novas tecnologias, como produto do desenvolvimento tecnológico alcançado pelo ser humano, têm papel fundamental no âmbito da inovação, trazendo facilidade, dinamismo e celeridade nos processos dos variados campos do trabalho humano. É por essa razão que destacamos a criação de aplicativos e *softwares* que facilitam a atividade de estruturação de textos científicos e se inserem no conjunto de ferramentas tecnológicas consideradas de apoio ao desenvolvimento do texto.

Não são poucos os *sites* que auxiliam no trabalho de organização de referências, verificação de propriedade intelectual, gerência de pesquisas, geração de citações, identificação de assuntos recorrentes, coleta e organização de fontes de pesquisa, criação de planilhas, gráficos e formulários dinâmicos, ou ainda de formatação de um texto nas normas da ABNT.

A seguir, você encontrará uma lista com 11 ferramentas, sugeridas pelo *blog Mettzer* (<<http://bit.ly/2h58kO0>>), que poderão te ajudar na organização e estruturação do texto de seu TCC:

- a) **MS Word e Excel:** a maioria dos acadêmicos brasileiros utiliza o *Word* e o *Excel* para seus trabalhos e, provavelmente por isso, eles são os programas com o maior número de tutoriais de ajuda que encontramos na internet;
- b) **EndNote:** é um gerenciador de pesquisas e referências. Apresenta versões com opções de formatos com mais de 6 mil estilos de referências e, ainda, permite trabalhos em grupo e de colaboração com outros pesquisadores;
- c) **Mendeley:** é um gerenciador de referências que ajuda a organizar a pesquisa, além de permitir a colaboração e comunicação com outros pesquisadores *on-line*, como em uma rede social acadêmica. Também é possível gerar citações e referências diretamente no *Microsoft Word*, *LibreOffice* e no *LaTeX*;

- d) **Cite This For Me:** é um gerador automático de bibliografias, ou seja, ele permite criar citações e referências em mais de 100 estilos, incluindo os principais: ABNT, MLA, APA, *Chicago*, *Vancouver* e *Harvard*;
- e) **LaTeX:** é um editor de texto utilizado na produção de textos matemáticos e científicos, já que neles são necessários comandos muito semelhantes a uma linguagem de programação. Por isso, é mais indicado para alunos de ciências exatas;
- f) **Farejador de Plágios:** como o próprio nome já diz, é um programa que permite identificar suspeitas de plágio em documentos disponíveis na internet, o que ajuda a evitar problemas com direitos autorais;
- g) **Zotero:** ferramenta que ajuda a coletar, organizar, mencionar e compartilhar as fontes de pesquisa. Ela detecta automaticamente o conteúdo no navegador e permite que você o adicione a sua biblioteca pessoal rapidamente;
- h) **Evernote:** esse programa, como o nome sugere, funciona como um banco de anotações para o que você precisar. Ele também serve para guardar textos, artigos e outros conteúdos que você encontra na internet e não pode ler na hora, ou seja, guarda para uma leitura futura;
- i) **Google Docs e Google Drive:** o *Google Docs* disponibiliza várias ferramentas que podem te ajudar a desenvolver sua pesquisa, como editor de texto, planilhas, formulários de pesquisa dinâmicos, entre outros. Todos esses arquivos podem ficar anexados ao *Google Drive*, o local de armazenamento na nuvem do *Google*;
- j) **Mettzer:** é um editor de texto criado para formatar seu trabalho nas normas da ABNT;
- k) **Questia:** é uma biblioteca *on-line* de livros e artigos para busca de referências. Também oferece um editor de texto que auxilia em sua construção.



Multimídia

Além das ferramentas de apoio listadas nesta Unidade, vale a pena visitar os *links* a seguir para avaliar outras possibilidades:

- a) <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>;
- b) <<https://scholar.google.com.br/>>;
- c) <<https://www.turnitin.com/pt/produtos/originality>>.



6.8 CONCLUSÃO

Esperamos que, ao final desta disciplina, você tenha reunido elementos suficientes para a organização de seu TCC, considerando a relevância desse processo para a formação geral do estudante de graduação, que contribui para sua experiência como pesquisador.

O TCC visa articular os estudos realizados no curso e a vivência acadêmica em relação às condições gerais da sociedade, revelando o suporte teórico que sua área de pesquisa oferece, em maior nível de aprofundamento para a compreensão das realidades.

Entendido como um trabalho científico, com a colaboração dos experientes orientadores, ele oportunizará, enfim, momentos de reflexão, de pesquisa e a construção de novos conhecimentos, mais aprofundados, originários da autonomia intelectual e da produção autoral, todos consolidados em processos metodológicos que o rigor científico requer.

RESUMO

- a) Para apoiar o desenvolvimento da discussão dos resultados, é preciso levar em consideração: os dados coletados, a referência teórica, os objetivos da pesquisa e as hipóteses levantadas.
- b) O pesquisador deverá apresentar seus dados conforme sua relevância, pertinência à pesquisa e discussão das hipóteses, sempre buscando dar sentido aos resultados.



- c) Durante a discussão, é importante que o pesquisador discorra sobre: a metodologia empregada e o caráter da pesquisa, os resultados, o final esperado ou não, a descoberta, a comparação entre a descoberta e a literatura, e as generalizações possíveis.
- d) É comum que, após a discussão dos resultados, se desenvolvam as conclusões do estudo, que devem ser escritas de forma objetiva e pertinente a diferentes partes do trabalho, refletindo a relação entre os dados obtidos e as hipóteses enunciadas.
- e) Na conclusão, é importante que se apresentem:
 - **recomendações:** indicações relevantes de procedimentos de intervenção na sociedade ou nas áreas de pesquisa, frente aos resultados encontrados;
 - **sugestões:** indicam a necessidade de aprofundamento de estudos em determinados campos do saber ou temas específicos para futuras pesquisas no contexto do que foi apresentado no estudo.
- f) Na introdução deverá ser descrito o tema da pesquisa, além de apontado o problema que será abordado no estudo e as hipóteses que poderão explicá-lo. Serão tratados, ainda, os objetivos (específicos e geral), que delinearão o caminho a ser seguido para a comprovação ou negação das hipóteses levantadas. Por fim, nela devem-se apresentar a justificativa e a relevância do estudo.
- g) Existem diversos aplicativos e *softwares* que facilitam o trabalho de estruturação de textos científicos, sendo considerados ferramentas tecnológicas de apoio ao desenvolvimento do texto. Alguns exemplos são: *Farejador de Plágio*, *Evernote*, *EndNote*, *Mendeley* e muitos outros.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Cotidiano escolar e práticas socio-pedagógicas. **Em Aberto**, Brasília, v. 11, n. 53, p. 29-38, 1992. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/791/710>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

BAPTISTA, D. A utilização da internet como ferramenta indispensável na busca contemporânea de informação: alguns aspectos relevantes. **Revista Eletrônica Informação e Informação**, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1754>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70 Persona, 1979. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAfLA4AD/bardin-analise-conteudo#>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia:** um guia para a iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3. ed. Rio Grande do Sul: Penso, 2014. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1972.

HENDGES, G. R. **Novos contextos, novos gêneros**: a seção de revisão da literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. 138 f. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Santa Maria, RS. Universidade Federal de Santa Maria, 2001. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/admin/dissertacoes/dissertacao_graciela.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 225 p.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASSUKADO, M. S. Análise comparativa de estratégias qualitativas de investigação. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 9-27, abr. 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/view/11922/8410>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em: <<http://unisc>>.



br/portal/upload/com_arquivo/quantitativo_qualitativo_oposicao_ou_complementariedade.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018.

RAMOS, R. C. S. S.; SALVI, R. F. **Análise de conteúdo e análise do discurso em educação matemática**: um olhar sobre a produção em periódicos *qualis* A1 e A2. Brasília: IV Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/ifhiec/arquivos/9GT94689598053.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.



Sugestão de Leitura

ALMEIDA, A. P. S. **Bibliotecas populares de Niterói**: uma nova tendência de inclusão à leitura e acesso à informação nas comunidades menos favorecidas. Catálogo das monografias do curso de graduação em biblioteconomia e documentação registradas na Biblioteca Central do Gragoatá (UFF). 2008. Disponível em: <<https://blogbibliouff.wordpress.com/catalogo-de-monografias>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ANDRADE, M. M. de. Introdução à metodologia do trabalho científico. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, mar. 2002. Disponível em: <http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_reflexoes_sobre_o_trabalho_de_campo.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2014.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Bookman, 2004.

GASQUE, K. C. G. D. **Diferença entre referencial teórico e revisão de literatura**. Disponível em: <<http://kelleycrisnegasque.blogspot.com.br/2012/02/diferenca-entre-referencial-teorico-e.html>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

MACHADO, R. das N. Análise cientométrica dos estudos bibliométricos publicados em periódicos da área de biblioteconomia e ciência da informação (1990-2005).

Perspectivas em Ciência da Informação, v. 12, n. 3, p. 2-20, set./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1918/1/5.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MOREIRA, W. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <https://portais.ufg.br/up/19/o/Revis__o_de_Literatura_e_desenvolvimento_cient__fico.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2014.

NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (org.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

NOSELLA, P. Ética e pesquisa. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 255-273, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n102/a1329102.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

VERGARA, S. C. **Projeto e relatório de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.





UFRJ
100
ANOS
1920 | 2020
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



CAPES

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-75-7



9 788585 229757

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-67-2



9 788585 229672